

À flor
da pele

ARIEL R. DANTAS

À flor da pele

GOIÂNIA, GOIÁS

AGRADECIMENTOS

A Deus por todas as oportunidades e realizações.
A minha mãe Elisângela, que despertou em mim o amor pelas palavras. Obrigada pelas tantas vezes em que me presenteou com livros ao invés de bonecas.
Ao meu pai Eliézio, que desde os meus primeiros passos tem sido meu guia na escola da vida.
Ao meu irmão Allef.
A toda a minha amada família.
Ao meu querido Pedro por todo o apoio e incentivo.
Aos seus pais e meus padrinhos.
Aos amigos que estão comigo há anos e caminhos. Vocês são combustíveis de sorrisos.
A minha cara Virgínia por compartilhar comigo parte da sua paixão pela literatura.
Ao meu estimado professor Rogério por ter colaborado desde o início com essa obra.
Sem copo meio cheio ou meio vazio, sempre completo.

DEDICATÓRIA

*Para o meu avô Sebastião,
minha inspiração no universo das palavras e do coração.*

INTRODUÇÃO

A veracidade dos fatos e informações é o princípio básico de um material jornalístico. A composição de um livro-reportagem não poderia ser diferente. Porém, não basta crer na verdade, é preciso pesquisá-la, apurá-la e checá-la para obter a certeza de que cada palavra dita em entrevista seja condizente com a realidade. Após a realização de todas essas ações, a gama de dados recebidos torna-se uma conexão de palavras capazes de formar cada página deste trabalho.

O tema escolhido para desenvolvimento deste livro-reportagem é a violência contra a mulher, um crime previsto na Lei 11.340 promulgada em 2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra mulheres. Este crime é configurado como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial no âmbito da unidade doméstica, da família e em qualquer relação de afeto.

O tratamento de um assunto delicado como este requer fidelidade na narrativa. A partir de técnicas de observação compreende-se a maneira com que as vítimas de seus companheiros contam suas histórias, como essas ações refletem em seu cotidiano e a maneira com que lidam com essas situações.

A aplicação destas experiências requer aprofundamento e possibilita um debate sobre seu conteúdo, de modo que a opção por um texto literário permite o uso de uma

linguagem com maior liberdade, sem deixar de cumprir sua função de informar, explicar e orientar.

Em busca de expressar a sensibilidade dos relatos das fontes, as narrações são feitas em primeira pessoa, gerando a ideia de que são histórias contadas pelas próprias mulheres, acrescentando ainda pensamentos que elas têm sobre a repórter durante a entrevista.

O livro-reportagem “À flor da pele - Mulheres que vivenciaram a violência no próprio corpo” propõe uma reflexão com destaque para o enfrentamento de agressões físicas, mas sem deixar de envolver as verbais, morais, psicológicas e até sexuais por parte de homens contra suas namoradas ou esposas. Isso é feito aqui por meio das histórias pessoais de quatro personagens distintas - Cristina, que teve o corpo incendiado pelo namorado, Neila, Luciana e Izabel, que foram agredidas por seus maridos, contudo, tratando-se de situações diferentes.

Cada capítulo é voltado para uma fonte, com relatos dos momentos que foram vítimas de violência e como conseguiram se desvencilhar dessa situação. A descrição das circunstâncias apresenta o sofrimento das personagens e mostra como este problema afeta a vida de quem o enfrenta. No entanto, há outro viés em cada caso, que é o fim das agressões e a superação que as quatro mulheres tiveram e, assim, conseguiram dar um novo rumo às suas histórias.

SUMÁRIO

I ESCAFANDRO

II RESGATE

III A ÚLTIMA QUE MORRE

IV LÁGRIMAS NÃO TEM SOM

I
ESCAFANDRO

Às vezes penso no cheiro de algodão. Gostava de fazer as folhas secas do fruto desmancharem na minha mão de menina.

Gostava do aroma que sentia ao abri-lo e do contato da textura macia com a minha pele ao retirá-lo da casca. Era uma espécie de casulo. Contudo, sentia um imenso desgosto por estar em sua plantação, de ser obrigada a participar de sua colheita. Foi então que segui o caminho indicado por meu pai como a alternativa contrária àquela realidade.

- *Estude para não ser obrigada a continuar aqui.* -
Era o que ele costumava me dizer.

Eu e meus irmãos queríamos brincar, mas papai precisava de ajuda. E nós, como uma família unida que éramos - e que ainda somos - obedecíamos.

Naquela época eu achava que não havia nada pior que uma criança ter que ficar sob o sol colhendo algodão. Mal sabia o que o futuro me reservava.

Estou sentada em minha sala de reuniões, que fica no gabinete de número dois, no lado esquerdo do segundo corredor do segundo andar da Câmara Municipal de Goiânia.

Observo e sou observada.

Uma jovem de vinte e um anos quer saber sobre minha história, me escuta e quase não pisca atenta aos detalhes de tudo que conto a ela.

Noto que ao precisar atender um telefonema ela observa meu espaço. Ela lê algumas das mais de trinta condecorações expostas em quadros que preenchem uma das minhas paredes.

Do lado esquerdo da sala há uma foto emoldurada que tirei um tempo atrás. Estou com o cabelo semi-solto, usando um par de luvas rosa-claro, dando um sorriso cotidiano. Percebo seus olhos captando cada canto do cômodo que me abriga atrás de uma mesa e a ela na frente.

Desligo o telefone e voltamos a conversar. A jovem tem muitas dúvidas e eu espero ter respostas para todas. Aos poucos vou sentindo que estou em uma conversa e não somente em uma entrevista. Eu não tenho medo das minhas palavras, não temo a história da minha vida.

Tudo aconteceu quando eu tinha um ano a menos do que você tem agora. Eu não queria voltar para a roça de algodão, então segui o conselho do meu pai e me dediquei aos estudos. Aos dezoito anos deixei a pequena Cianorte no interior do Paraná e me mudei para Curitiba, ao ser aprovada no vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR), no curso de Educação Física, em 1981.

A vida se tornava diferente, afinal eu deixava a casa dos meus pais e me mudava para a capital do estado, para a Casa da Estudante Universitária de Curitiba (CEUC) com outras cento e quatro meninas. Aos poucos fui me adaptan-

do, conhecendo outros estudantes, fazendo amizades, sendo acolhida por aquela cidade que fazia com que eu me sentisse pertencente a ela há tempos.

De todas as novidades que surgiam, uma delas mudaria todos os dias que ainda viriam. Mudou cada um dos mais de dez mil dias que se passaram durante esses vinte e oito anos.

- Ele disse para você não se preocupar, pois ele vai se casar com você.

Foi o que um amigo dele me disse. Você pode acreditar? Pois nem eu podia. Ele viajou de Curitiba até Goiânia para me entregar esse recado dois dias após eu ter sido internada no Hospital Evangélico para receber o tratamento necessário ao meu caso.

Nós realmente pretendíamos nos casar já que namorávamos há dois anos. Fiquei encantada por ele logo que a minha amiga Zenair nos apresentou. Foi assim que, em 1983, eu tive meu primeiro namorado, o médico descendente de japoneses Uilson Isao Myashiro.

Eu sentia uma paixão intelectual por ele, o achava bem articulado, cheio de conhecimento, tinha uma visão apaixonada de uma menina de dezoito anos por um homem de trinta e seis e essa diferença de idade entre nós não representava um problema para mim.

O relacionamento era bom, embora eu o achasse um pouco ciumento a respeito da minha relação com os amigos da faculdade, porém considerava esse comportamento normal. Afinal, ele era meu companheiro.

Não nos encontrávamos com frequência, pois ele

fazia residência médica em outra cidade e eu dedicava a maior parte do meu tempo aos estudos. Durante muitos meses senti que éramos um casal feito para dar certo, mesmo nos vendo apenas nos finais de semana.

Antecipando a conclusão de matérias na faculdade consegui me formar um semestre antes do fim do meu curso. Em julho de 1985, já com 20 anos, eu era uma educadora física por formação e como estava saindo da faculdade também teria que sair da casa para estudantes em que eu morava.

O aluguel de um apartamento de três quartos foi ideal para mim, meu irmão Gilmar, que cursava Educação Física na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Paraná e uma grande amiga, Alice Helena. Foi nessa época que me foi oferecida a oportunidade de fazer uma pós-graduação em Administração Desportiva na Alemanha. Fiquei eufórica e comecei a organizar tudo o que era necessário para a minha viagem, que aconteceria em março de 1986.

Minha família ficou contente e me apoiou, assim como os amigos e professores da universidade. Era uma conquista que eu compartilhava com pessoas próximas a mim.

Exceto Uilson, que recebeu a notícia como uma bomba, principalmente quando eu disse que era o momento de o nosso relacionamento acabar, pois eu não queria que ele ficasse me esperando, que nossa relação se desgastasse por conta da distância e tantos outros fatores que colaboravam para que tudo mudasse em nossas vidas.

E mudou, mas não da forma positiva que eu imaginava.

Passei a confirmar algo que já tinha notado, a dependência alcoólica que ele tinha. Uilson bebia constantemente

te, já se tornava algo banal. Embora eu não achasse que era um problema grave, pois ele geralmente era uma pessoa centrada.

Às vezes ameaçava atentar contra a própria vida em alguns momentos acelerando o carro a mais de 120 quilômetros por hora quando estávamos passeando pela capital paranaense, me contava que em alguns momentos pensava em se matar, mas eu achava que era algo que ele fazia para chamar a atenção, uma atitude irracionalmente emocional. Infelizmente descobri que eu estava errada.

- Mãe! Mãe! – Paro de gritar e lembro que minha mãe morreu há dois anos.

Clamo por meu pai.

- Pai! Pai! Socorro!

É tudo que eu lembro de dizer enquanto me debatia contra a parede sentindo meu corpo em chamas. São lembranças aleatórias, como flashes de memórias. Às vezes a última coisa que me vem à mente é a imagem dele acendendo o fósforo e jogando no corredor.

Pauso. Choro. Olho para a repórter em minha frente tentando conter as lágrimas, mas eu não consigo segurar as minhas. Foi muito doído sentir e ainda machuca relembrar. Explico que hoje é um dia em que estou mais sensível, há vezes que acordo assim. Tomo um pouco de água e retomo.

Duas semanas antes, Uilson me apresentou um lado seu oposto a tudo que eu conhecia. Contou-me histórias de namoradas que teve antes de me conhecer e do que tinha feito com elas, alegando que queria me proteger de quem ele se tornava em momentos de fúria.

Sentou-se ao meu lado e começou a falar sobre paixões passadas e como havia atentado contra elas em determinadas situações. Uma delas ele agrediu fisicamente, ou-

tra foi jogada de uma ribanceira e continua viva, e a terceira ele tentou empurrar da sacada de um prédio.

Cheguei a conhecê-las depois e pedi que fossem ao julgamento e prestassem depoimento em meu favor, mas todas negaram. Uma delas fazia parte da elite curitibana e não queria ter seu nome envolvido em um escândalo. Sim, foi a maneira que ela se referiu ao que eu estava passando. Outra recusou meu pedido por não querer que o filho crescesse sabendo pelo que a mãe passou. A última olhou nos meus olhos e disse que nunca iria contar algo que pudesse prejudicar o homem que ela ainda amava.

Sabe o que me intriga quando me pego pensando nisso, ainda que sem querer? Nós não tínhamos o costume de usar álcool isopropílico em casa. Foi ele quem levou uma garrafa para lá depois de fazer um curso de higienização, pois disse que seria bom se usássemos para fazer a limpeza dos pratos, copos e talheres.

Era uma quinta-feira, 6 de fevereiro de 1986. Gilmar, Alice e eu havíamos acabado de almoçar. Uilson não quis comer, só ficou sentado tomando seu uísque. Estava quieto e silencioso, mas começou a conversar comigo assim que o meu irmão e minha amiga saíram da cozinha.

Ele estava agressivo, dizendo que se eu viajasse nosso relacionamento acabaria e ele iria se matar. Nessa época estávamos noivos, o que tornava a situação ainda mais delicada.

Uilson continuou falando e me contou que tinha trazido para a minha casa, o material que utilizaria para tirar a própria vida. Eu tinha visto uma caixa que ele me entregou

quando chegou, mas eu apenas guardei sem curiosidade em saber seu conteúdo, sem imaginar suas intenções com o que quer que houvesse dentro dela.

Como aquele homem em quem eu confiava já tinha me contado dos seus momentos de fúria anteriormente, fiz tudo o que podia para acalmá-lo. Conversei passivamente enquanto saía da cozinha pelo corredor que dava na sala do apartamento. Fui andando de costas, devagar, usando uma voz baixa e tranquila para dialogar com ele.

Quando mexi na maçaneta para abrir a porta que interligava os dois cômodos, estava trancada. Nesse momento não consegui assimilar o motivo de não conseguir abri-la, pois foi quando me assustei ao sentir um líquido molhando meu rosto. Pensei que o meu noivo tinha jogado água em mim, mas os meus olhos ardiam e o cheiro que eu sentia era bem forte. Era álcool.

Foi tudo muito rápido. Na maior parte do tempo minha última lembrança é a de limpar o rosto, em outros, eu o vejo riscando dois fósforos sem sucesso. No terceiro, o fogo aparece na ponta do objeto e Uilson o lança em minha direção.

Ao ouvir meus gritos, meu irmão se lança contra a porta na tentativa de arrombá-la. Nessa hora eu ouço o barulho de água saindo da torneira na lavanderia. Quase que instintivamente eu me encolho em um canto da parede temendo que aquele monstro me molhe e arranque a pele que ainda me resta.

Gilmar arromba a porta.

Em questão de segundos, meu irmão me abraça com uma coberta apagando as chamas que envolvem meu corpo enquanto tudo o que sinto é dor. Sou levada para o hospital.

Tudo aconteceu depressa. Eu não tinha mais noção

exata do tempo. Sequer compreendia a situação. Eu não sabia que 85% do meu corpo havia sido incendiado. Não imaginava que teria que passar por vinte e quatro cirurgias plásticas para reconstituição dos meus traços e que nem todos seriam recuperados.

Os médicos estavam desacreditados. Diziam que eu não sobreviveria, o meu caso passava a ser conhecido nacionalmente e os brasileiros se revoltavam. A violência contra a mulher deixava uma parte da sua cultura de silêncio e berrava aos quatro cantos como pode ser cruel.

Debaixo da pouca pele que me restava, dos olhares barbarizados, das palavras sem fé dos médicos e enfermeiros e da lamentação dos que me amavam, eu estava lá.

Eu ainda era Cristina. Eu tinha fé na vida. Eu sabia que sobreviveria. Eu era como o algodão dentro da casca.

Eu estava além do meu casulo.

A história de Cristina

A condição social da minha família não era boa nem ruim. Papai nunca deixou faltar alimento em casa, mas não tínhamos as bonecas dos sonhos que outras meninas tinham, dividíamos três quartos entre treze irmãos e as roupas eram passadas dos mais velhos para os mais novos, sempre costuradas pela mamãe. É um tempo tão palpável. Sentada aqui, agora, eu sou capaz de tocar cada canto daquela casa, ver minha mãe na cozinha e meu pai sentado no sofá.

O relacionamento dos meus pais era tão sólido que eu acreditava que aquele era o significado de um casal. Um

homem e uma mulher que se amam, vivem juntos e cultuam o respeito. Como pai e mãe eram diferentes, aquela solidez era mais séria, mas ainda assim sem perder o carinho.

Como éramos muitos e de gênios diferentes, a arma que mamãe tinha contra suas crias era seu chinelo e nós morríamos de medo dele.

Medo para mim era isso: ouvir o meu nome sendo gritado de forma mais longa, da mesma forma que eu achava que violência era assim, uma chineladinha nas nádegas quando fizesse alguma coisa errada.

Depois que me mudei para Curitiba, eu acompanhava muitas manifestações de mulheres lutando por seus direitos, pedindo melhorias para o gênero e uma de suas pautas tratava da violência contra a mulher. Algo que eu não entendia bem naquela época porque nunca tinha presenciado nada do tipo. Na minha casa isso não existia.

O máximo que eu sabia sobre violência era o que via nos filmes de luta na televisão ou quando me lembrava da infância e do chinelo. Hoje eu sei que ao menos a chinelada era o amor da minha mãe tentando nos educar de um jeito torto.

Infelizmente aquilo que eu não entendia eu aprendi da maneira mais dura, que foi vivendo a violência no meu próprio corpo. Foi me tornando um dos ícones na luta da violência contra a mulher que eu descobri que nem todos os homens eram como o meu pai, que nem todo casal cultivava o amor, que eu e tantas outras mulheres tínhamos voz.

Foi essa voz, que em 1989 resultou no primeiro julgamento de tentativa de homicídio com vítima viva no Brasil, com condenação exemplar de 13 anos e 10 meses de prisão. Um marco na história do país e na da minha vida. Uma jovem conhecida por algumas pessoas passava a ser man-

chete de jornais, motivo de protestos e o estopim para tantas mudanças que ainda viriam ajudar outras pessoas. E, foi assim, que eu senti que era isso que eu queria fazer. Ser mais pelos outros. Tentar levar ao próximo a confiança de crer em si da mesma forma que eu acreditei na vontade de viver.

Quatro dias depois de ficar internada em Curitiba eu fui trazida para a capital do estado de Goiás, porque a cidade tinha um sistema mais avançado em relação ao tratamento de queimaduras. Foi um processo difícil e doloroso. Todo o meu corpo estava enfaixado e eu não conseguia me movimentar, ao menos não sem sentir dor.

Eu usava uma máscara que cobria toda a minha cabeça e o meu rosto, exceto pelas aberturas para as orelhas, o nariz e a boca. Porém, o que achava realmente duro era a obrigação de ficar deitada. Sempre fui ativa, gostava de correr, andar e me mexer, mas eu não podia. A pouca pele que me restou estava frágil e a que ganhei dos meus irmãos ainda estava sendo ajustada ao meu corpo.

Pensava muito na minha mãe durante a minha internação, sentia falta dela cuidando de mim. Os enfermeiros e os médicos de Goiânia dedicavam-se bastante ao meu caso, mas era diferente. Eu precisava daquele colo pra me acolher como quando eu era criança e adoecia e ela dizia:

- *Vai ficar tudo bem, Tina. Você vai ficar boa logo.*

Nesses momentos a dor física até amenizava diante da saudade. Eu também pensava muito no meu pai. Meus irmãos me visitavam no hospital em Goiânia e contavam o quanto ele estava preocupado comigo. Eu queria a presença dele, mas pedi que permanecesse no Paraná, pois a viagem

era longa e iria cansá-lo.

Meu pai ficou desolado com tudo que aconteceu comigo e isso também me feria. Uma das pessoas que me deu a vida não merecia sofrer pelo medo de que ela fosse tirada de mim. Pensava nele até recordar do momento em que clamava por seu nome e as chamas tomavam conta do meu corpo. A sensação era de morte.

Eu sentia que a vida estava sendo injusta comigo, pois sempre dei o meu melhor em tudo o que fazia e não merecia enfrentar tamanha crueldade, mas além dessa angústia, eu compreendia que precisava aprender a aceitar minha condição ao invés de contestá-la.

O fogo carrega consigo essa ideia de destruição. Quando o corpo de alguém é incendiado, a temperatura chega a mil graus Celsius e o sistema respiratório é afetado ao ponto de deixar de funcionar. O fogo devasta, mas ele não me destruiu. Por isso, eu era e ainda sou grata a Deus pela chance de continuar minha jornada.

Entre sessões de fisioterapia para recuperar os movimentos e desenvolver a elasticidade da pele, voltar a caminhar normalmente e as trocas das minhas ataduras, eu passei a viajar bastante entre Goiânia e Curitiba. A diferença é que eu me sentia mais feliz no destino a Goiânia do que a Curitiba e eu sabia bem o motivo.

Em Curitiba as pessoas geralmente diziam:

- Nossa, você era tão linda. Que pena que isso aconteceu.

Essas palavras me maltratavam, me faziam refém das cicatrizes e marcas do pior dia da minha vida. No entanto, em Goiânia, todos me conheciam depois do atentado e eu sempre era recepcionada com sorrisos que falavam:

- Você está se recuperando e ficando cada vez melhor.

Essas frases me devolviam a tudo que eu sempre fui. Resgatavam-me e faziam com que eu tivesse vontade de me sentir curada.

Como passava maior parte do tempo em Curitiba, voltei a estudar e fiz pós-graduação em Educação Física, mas em uma das minhas sessões em Goiânia recebi do doutor Nelson Picollo a ideia de prestar vestibular para o curso de Fisioterapia, que tinha se tornado algo tão frequente em meu cotidiano. Fundador e dono do Instituto Nelson Picollo e Pronto Socorro de Queimaduras onde fiquei internada, ele ainda me desafiou a implantar um serviço de fisioterapia no hospital.

Determinada a cumprir a proposta, me mudei para Goiânia enquanto me adaptava à minha nova imagem. Eu buscava entender e aprender sobre a condição das pessoas queimadas e sentia que, assim como eu tive ajuda de tantos profissionais, minha missão era fazer o mesmo pelas pessoas.

A partir desse momento eu entendi que passar pela queimadura fazia parte do meu destino, embora de uma forma cruel, era o caminho para que eu trouxesse mudanças para outras vidas.

Motivada com essa ideia e sentimento, continuei me especializando e passei a ser chefe do Pronto Socorro de Queimaduras cuidando de pessoas que, por diferentes razões se tornaram vítimas do fogo em suas peles. Também formei um grupo para apoiá-las psicologicamente, pois uma das maiores dificuldades é saber como portar essas marcas no corpo.

Todos os dias eu enfrentava a batalha de encarar o espelho e meu reflexo nos olhos dos outros. Conheci o preconceito por conta minhas cicatrizes, mas hoje elas são uma

espécie de escudo. Se alguém me vê apenas pelo que as marcas representam, essa pessoa não consegue me enxergar de verdade. Já aqueles que se aproximam e me olham nos olhos antes da pele, esses sim sabem que eu sou quem está ali dentro.

E hoje, essa que foi uma lição tão dolorosa de aprender é a mensagem que passo para meus pacientes. A cicatriz passa a fazer parte de quem nós somos e precisamos assumi-la e conviver com ela enquanto lidamos com o modo com que a sociedade as vê.

Todos têm suas histórias e sinais do que viveram. O que diferencia os queimados é que suas cicatrizes estão expostas, não apenas resguardadas no coração.

Tudo que enfrentei, me transformou. A dor passou, mas não desapareceu, contudo, me fortificou. Além dos trabalhos na área da saúde, eu também passei a atuar em busca de melhorias para as mulheres violentadas. Em 2012, me candidatei a vereadora de Goiânia e fui eleita com seis mil e oitenta votos, me tornando ainda a presidente da Comissão de Direitos Humanos e Cidadania.

Passei a dar palestras em universidades de todo o país, eventos e também em casas de família, independente de estarem localizadas no centro ou na periferia. A mensagem que eu levo sobre o que passei não é para despertar a comoção das pessoas, mas para que a sociedade se atente ao risco que parceiros violentos podem causar. Um dos meus maiores sonhos é que um dia nenhuma mulher tenha seu corpo agredido por alguém que ama ou convive.

Ser violentada da alma até os meus traços é algo que a superação que eu encontrei não conseguiu apagar. Porém, me desperta diariamente a vontade de ajudar outras mulheres para que elas não passem por uma situação semelhante a

minha, para que não sofram ou sintam dor, para que não sejam feridas com palavras, golpes ou fogo. Para que possam ter voz como eu tive, pois silenciar a violência é aceitá-la.

II

RESGATE

Obs: O nome do agressor foi alterado a pedido da fonte.

- Perdoe-me. Isso não vai se repetir.

Foi a última vez em que o meu marido me pediu desculpas, mas não que ele me bateu. Alguns socos e pontapés foram suficientes para quebrar o meu nariz. Cheguei ao hospital sangrando, o médico quis chamar a polícia, mas eu não permiti. Após todos os procedimentos e curativos, o que me restou foram os hematomas no rosto durante algumas semanas.

O atestado médico serviu para que eu tivesse folga do serviço apenas por três dias, mas as marcas não se curaram nesse tempo e eu tive que trabalhar com as manchas roxas em minha pele. Apesar de tentar esconder com maquiagem, não funcionou. Todos sabiam quem era o responsável por aquelas marcas.

Eu percebia os olhares assustados e silenciosos. Imagino que ao mesmo tempo em que as pessoas consideravam aquilo como o reflexo de um momento de covardia, aquietavam-se pelo medo de questionar a atitude de um policial.

Paulo e eu nos conhecemos há sete anos. Eu trabalhava como assessora de um vereador e o estava acompanhando em um ato social na Praça Cívica. Assim que esta-

cionei o meu carro, dois policiais militares me abordaram e disseram que eu estava bloqueando a via de passagem da viatura. Um deles era mal encarado e se dirigiu a mim de maneira rude. Já o outro foi educado e pediu licença de forma cordial.

Mudei o veículo de vaga e segui para onde tinha que trabalhar. Quando eu voltei para ir embora já estava escuro, mas a dupla de policiais permanecia perto do meu carro. Um deles, o que me tratou educadamente, disse que ambos iriam me acompanhar até a minha casa, pois não era recomendável que uma mulher saísse sozinha à noite.

Eu contestei e disse que sempre me virei e não precisava de ajuda, mas o sargento insistiu. Depois daquela gentileza, ele pediu meu número de telefone e passamos a trocar mensagens. Poucos dias e encontros depois estávamos namorando.

Levou mais de três anos até que a primeira agressão acontecesse. Namoramos durante dois anos e então nos casamos no civil. Foi uma época muito feliz, que guardo com carinho e saudade. Porém, Paulo, que sempre gostou de beber, passou a se mostrar uma pessoa diferente sob os efeitos do álcool.

Não tenho recordação de uma vez que meu marido levantou a mão para mim enquanto estava sóbrio. Discutíamos constantemente, mas nada ia além dos gritos entre nós. Eu sabia o quanto ele me traía e questionava bastante suas chegadas de madrugada em casa. Aos poucos, os menores dos motivos se tornavam grandes problemas. Eu não gostava de brigar, mas o amava tanto e não conseguia controlar o sentimento de ciúmes e mágoa tomando conta de mim por saber que ele estava descumprindo os nossos votos de casamento.

A primeira vez que ele me bateu foi durante um jantar entre mim, minha irmã e o meu cunhado. Estávamos em uma churrascaria, meu esposo tinha bebido bastante e eu disse que queria ir para casa. Ríspido, Paulo disse que eu iria esperar, pois ficaríamos no local um pouco mais. Insisti, mas não fui atendida. No tempo de sua ida ao banheiro, eu virei o copo com o uísque que ele estava bebendo em um dos pratos com comida.

Ao ver a cena, a resposta para a minha ação foram dois murros no rosto. Aquele homem que eu pensei que sempre iria me proteger foi quem me feriu. Minha irmã e seu marido ficaram espantados, mas acharam que seria melhor resolvermos a situação como um casal. Depois do pedido de perdão e a promessa de que aquilo não voltaria a acontecer, meu marido e eu fizemos as pazes.

Como em tantos outros casos, é uma promessa feita da boca para fora. Lembro-me com clareza da última vez em que fui à delegacia prestar queixa contra meu companheiro. Pensando alto, questionei como poderia continuar vivendo daquela forma, acreditando que a situação se repetiria. O escrivão, com o ceticismo de quem registra casos de mulheres violentadas quase todos os dias, virou-se para mim e disse: “Isso vai se repetir.”

Eu acreditei tantas vezes que aquele homem iria mudar. Iludi-me com o que eu queria crer, optei por não enxergar a realidade. Em momento algum Paulo mudou, mas não desiste de insistir nessas palavras. Ainda hoje, quando me liga, faz promessas e diz que tudo será diferente. A mudança só aconteceu quando eu decidi que a única pessoa responsável por transformar a minha vida seria eu.

A história de Neila

Minha colega eu nos sentamos em uma das salas de reunião da empresa em que trabalhamos. Estou em horário de almoço e é entre mastigadas e palavras que me expresso. A jovem me escuta com atenção enquanto faz anotações e grava a nossa conversa.

Desde o início peço que ela mude o nome do meu ex-marido alegando que há processos judiciais em andamento, como o de divórcio, e não quero que qualquer envolvimento de sua imagem nessa história possa comprometer algum deles e, assim, me prejudicar.

A repórter pergunta se o medo também é uma razão para o meu pedido. Embora eu quisesse negar, não consegui. Durante nossos sete anos juntos, eu temi muitas vezes, mas hoje sinto que esse sentimento diminuiu. Eu tenho receio de que ele me faça mal futuramente quando eu tiver reconstruído minha vida, formado uma família, estiver completamente bem. Temo que o Paulo apareça e destrua tudo. Esse é o meu medo.

De todos os males que ele me causou, o que ainda permanece é a forma como passei a reagir às pessoas. De vez em quando eu penso no nosso casamento, nas vezes em que o amei e choro. Quieta, sozinha, em momentos raros. Tudo o que eu passei ao lado do homem que amava me deixou fria. Eu acho que tentei ser forte por tantas vezes que acabei criando essa proteção ao meu redor. Não me permito sentir demais, acreditar nas pessoas e em suas palavras.

Ainda carrego a sensação do instante em cheguei em

casa após o fim do meu expediente de trabalho e tudo o que havia era uma televisão, um ar condicionado, minhas roupas e meus livros. Eu cuidei daquele ambiente por tanto tempo na esperança de que se tornasse um lar e enquanto eu trabalhava, em questão de horas, Paulo levou cada detalhe que compunha o cenário do cantinho que eu chamava de nosso.

O modo com que eu idealizava o conceito de matrimônio foi o que me manteve ao lado do meu companheiro, que muitas vezes era somente uma companhia. Quando fazia planos para o futuro, falava sobre sonhos e vontades. Paulo costumava dizer “eu”. Não havia plural, não me incluía em suas frases, nunca houve “nós” para ele.

Certa vez estávamos com uma viagem marcada para Fortaleza e um dia antes da partida meu esposo resolveu que não iria mais. Instantaneamente eu concluí que havia alguma mulher envolvida naquela decisão. Foi o suficiente para discutirmos e eu ser arrastada para dentro do carro dele para sacar a parte do dinheiro que ele pagou para viajarmos. Dentro do veículo, ele sacou sua pistola ponto quarenta e a pressionou contra minha têmpora esquerda.

Eu me sentia intimidada. Por mais que uma arma em minha cabeça já tivesse se tornado uma cena comum, parte de mim ainda acreditava que mais cedo ou mais tarde ele pudesse atirar. Eu não queria morrer.

Ao saber que não era a única a enfrentar essa situação, cheguei a pensar que fosse uma atitude normal, pois eu conhecia outras mulheres de policiais que eram agredidas por seus parceiros.

Muitas vezes eu cheguei a sentir culpa por apanhar. Achava que o erro era meu por gritar durante as brigas com meu esposo, pois a forma que ele encontrava para reagir era

usando a força física. Eu tentava me enganar para encontrar motivos para permanecer naquela circunstância.

Apanhei, me escondi, gritei, pedi socorro, fui humilhada através de palavras e gestos, senti falta do marido que só aparecia de madrugada transformado pela bebida, fiz orações para que Deus pudesse salvar meu relacionamento e vivi a intensidade de tantos momentos ruins que só tiveram fim depois do dia 9 de maio.

Eu havia saído mais cedo do trabalho para fazer um exame médico. Paulo e umas das filhas dele, fruto do seu primeiro casamento, me acompanharam. Ao sair da clínica, meu marido decidiu que iríamos até o bar de um compadre dele, que fica no Setor Garavelo, em Aparecida de Goiânia, para receber sete mil reais de um consórcio.

Assim que chegamos ao local, ele começou a tomar diferentes bebidas, como uísque e cerveja. Chamei-o para irmos embora, pois eu não sabia dirigir o carro dele, que tinha o câmbio automático. Não demorou para que seu comportamento mudasse. Ele respondeu que não estava com vontade de ir e teríamos que esperar.

Segui até o barracão que fica no fundo do bar e onde estava a minha enteada de dez anos. Expliquei que seu pai já estava bêbado e que voltaríamos para casa de táxi. A menina concordou e caminhamos em direção à rua. No instante em que nos viu, Paulo ordenou que a filha voltasse para junto dele, mas a garota não o obedeceu.

Iniciamos uma discussão e eu falei para ele que não queria brigar no meio do bar para que os clientes presenciassem. Antes de entrarmos no barracão no fundo do local,

meu esposo me deu socos e chutes na cabeça e outras partes do corpo. Minha testa ficou ferida, minha mão cortada, meu nariz machucado e outros órgãos atingidos.

Depois disso ele decidiu que era hora de voltar para casa. Sua filha foi entregue à mãe e nos dirigimos para o nosso apartamento, no Setor Sudoeste. Eu disse que queria o divórcio e ele respondeu que só havia uma forma de nos separarmos. Ele atiraria em mim e depois contra a própria cabeça.

Assustada, eu saí de perto dele e tentei seguir minha rotina. Tomei banho e vesti um pijama, mas não consegui dormir. Os passos inquietos daquele homem segurando sua arma e ameaçando me matar não me permitiam ter sossego algum. Eu tentava dialogar, mas meu marido não tinha qualquer intenção de me ouvir.

Os ponteiros contornavam o relógio quando Paulo precisou ir ao banheiro. Foi o tempo suficiente para que eu pegasse a chave do meu carro e descesse até a frente do prédio em que ele estava estacionado.

Liguei a partida e entre pensamentos, pisadas no freio, acelerador e embreagem eu percorri diferentes caminhos até chegar à residência do meu tio, que também é policial.

O que houve, minha filha? - Ele me perguntou.

O mesmo de sempre, *tio*. - Respondi.

Ele apenas balançou a cabeça em sinal de negação e me convidou para entrar.

A surra perto de desconhecidos foi a gota d'água para me fazer mudar minha vida. As pessoas sempre diziam que eu era boba, que devia gostar de apanhar senão já teria me separado, mas eu tinha fé de que haveria mudanças e meu relacionamento se estabilizaria.

Infelizmente eu fui obrigada a entender que nem sem-

pre a minha fé poderia realizar milagres.

Denunciei meu marido na Delegacia da Mulher e na Corregedoria da Polícia Militar. Contratei um advogado e entrei com um processo requerendo o divórcio e bloqueio dos bens adquiridos durante o período em que estávamos casados.

Saí de casa depois de chegar ao local e me deparar com o apartamento quase vazio depois de o Paulo ter levado praticamente todos os móveis e objetos em seu interior.

A medida protetiva imposta judicialmente prevê que ele se mantenha a mais de trezentos metros de distância de mim e não se comunique comigo de qualquer forma, mas são ações que para mim não têm valor quando sei que ele anda armado o tempo inteiro.

Hoje, seis meses depois, eu já me acostumei a viver sozinha. Ainda temo que ele faça mal para mim algum dia. Há algum tempo eu estava no trânsito e quando olhei pelo retrovisor do meu carro, notei que ele estava perto de mim porque há uma espécie de caveira falsa pendurada no veículo dele. Minhas pernas tremeram e eu senti vontade de desaparecer.

Às vezes o Paulo desobedece a medida protetiva e me liga. Ele alega que eu fiz do nosso problema algo maior do que realmente era, que podemos consertar o que passou. Porém, foi por conta de todo o mal que ele me fez que eu deixei de acreditar em promessas.

Busquei tratamento psicológico e aos poucos estou aprendendo a me libertar, a dar meus próprios passos e me conscientizar de que voltar para o que eu considerava ser o amor seria como me apegar a uma doença.

Quando uma mulher é agredida e reata com o responsável por atacá-la, pode-se dizer que a vítima esteja doente. Assim como eu acredito que estive durante muito tempo.

Estou lendo um livro do Padre Fábio de Melo, intitulado “Quem me roubou de mim”. A história é baseada em pessoas que nos roubam de nós sentimentalmente, que nos tiram a alma.

No presente em que me encontro, percebo que o meu marido me enclausurou em um mundo que eu acreditava não ter saída, pois eu não conseguia me encontrar. Depois de tanto sofrer, eu entendi que não pertencia àquele homem, mas somente ao meu ser. Eu pude me ver, me amar, me devolver a mim.

III
A ÚLTIMA QUE
MORRE

A lâmpada fluorescente não é suficiente para uma boa iluminação na sala de paredes brancas. Ao lado de uma das paredes há uma mesa de madeira, sobre ela há canetas, papéis empilhados, um aparelho de fax e um porta-notas enfeitado com um adesivo de Nossa Senhora de Aparecida, a mesma imagem presente no pingente do meu colar. Trabalho sentada em uma cadeira de couro preta com rodinhas. Minha sala tem um clima fresco misturado ao cheiro da madeira pura da minha mesa.

A mesma mesa que me separa dessa jovem que me analisa como se quisesse me decorar. É como se anotasse mentalmente cada detalhe de sua entrevistada. O dia está frio e não preciso ligar o ar condicionado da minha sala, que fica no Distrito Sanitário Norte.

Ela sorri e conversamos espontaneamente enquanto não começo a contar minha história. Ainda é uma menina, quase formando, que tem interesse em me ouvir para depois escrever sobre mim. Eu vou contar tudo que recordo, mas se eu não gostar das palavras dela eu vou pedir que haja algumas mudanças. É isso. Essa é a decisão que tomei desde que ela perguntou se eu queria participar do livro que está

escrevendo. Se eu não gostar, eu vou pedir.

Acho que a moça de cabelos castanhos está pensando na minha aparência para me descrever depois. Seria mais fácil colocar uma foto. Eu me acho normal. Sou negra, tenho cabelo preto, que está amarrado um rabo de cavalo, estou usando um batom cintilante da cor da minha boca e um blazer vermelho. Mas isso é tão simples. Será que ela vai escrever coisas boas? Será que ela é capaz de me perceber além do que eu demonstro? Eu tenho esse aspecto sereno e olhar reprimido, mas que ainda propaga um brilho esperançoso. A angústia das minhas lembranças represa uma saudade não permitida, que involuntariamente sobrevive.

Aos poucos as lembranças embargam minha voz. Eu não choro, mas em alguns momentos é possível ouvir os sentimentos arranhando a garganta. Converso passivamente, mesmo tendo uma voz firme. Eu sempre gesticulo enquanto falo. Enquanto conto. Enquanto lembro.

Guardo na memória o primeiro beijo e também a primeira vez em que apanhei do meu marido. Começamos a namorar em 1986, ambos com 15 anos. Três anos depois decidimos morar juntos na casa que era da minha mãe e foi assim que começamos a nossa família. Lucas foi um bom pai para os nossos cinco filhos, trabalhava como jardineiro, comprava comida e materiais necessários para a casa, pagava as contas em dia e era carinhoso. Eu também cuidava das despesas trabalhando como doméstica durante o dia e como responsável pelo dinheiro do caixa em uma casa noturna. Vivíamos em condições financeiras razoáveis e a vida da nossa família era pacata.

O tempo que eu pensava ser feliz durou até 1999. Foram treze anos de alegria até que o Lucas começou a beber. O hábito, que começou aos sábados e domingos, foi

se prolongando para as segundas, terças, quartas, quintas e sextas-feiras. Os compromissos com o trabalho foram se desfazendo e o tempo gasto dentro de casa foi aumentando e, assim, o convívio mudou.

Desempregado, sob o efeito de bebida alcoólica, o comportamento dele oscilava facilmente. O abraço nos filhos, ainda crianças, foi substituído por tapas e surras de cinto. Eu, que era seu “bem” me tornei “puta”. Eu não aceitava e também o ofendia. Dizia que era um bêbado, que estava descontrolado, que ele era inferior a mim. As agressões verbais evoluíram para físicas. Ele desconhecia limites, enquanto eu apanhava em silêncio para os meus filhos não ouvirem.

Com o passar do tempo, a violência foi aumentando. Os murros já não eram suficientes, então ele passou a me atacar com objetos. Alternadamente usava facas, enxada, ferro de passar roupas, sapatos e o que mais pudesse usar para me atingir. Tinha dias em que ele pegava a faca e me levantava igual a uma bailarina. Pressionava-me contra a pia, encostava a faca na minha barriga e eu ia subindo para escapar.

Os dias seguintes às agressões eram ainda piores. Eu trabalhava em um clube de dança de Goiânia, que não está mais em funcionamento. Ao chegar ao trabalho, com os sinais dos momentos de desespero da noite anterior, não via alternativa senão mentir para os colegas para tentar explicar os hematomas, fossem olhos ou boca inchados. Dizia que estava brincando com os meninos e que eles tinham me atingido sem intenção, ou que havia batido o rosto no guarda-roupa.

Certa vez, contei até que fui a uma aula de capoeira e um dos participantes me chutou acidentalmente. Eu não

percebia que eles desconfiavam das minhas desculpas e do que eu vivia. Até o dia em que descobri o contrário, quando um deles disse para eu tomar cuidado, pois um dia “esse filho”, “esse guarda-roupa” ou “essa parede” poderiam me matar.

Dia após dia a violência continuava, assim como a esperança que eu tinha de que o meu marido mudasse e voltasse a ser um homem tranquilo. Eu vivia com essas expectativas, pois os atos se tornavam cada vez mais contrários a esses sonhos. Entre os anos de 1999 e 2002, tempo em que eu apanhava e era ferida por meu cônjuge, ainda não havia sido promulgada a lei Maria da Penha, que pune a violência contra mulheres. Portanto, quando eu tentava tomar alguma atitude contra Lucas, eu ia até a delegacia e o denunciava. Nós éramos encaminhados ao Juizado de Pequenas Causas, hoje chamado de Juizado Especial Civil e éramos orientados a optar pela conciliação ou o divórcio. Como ele dizia que não iria embora de casa, por conta dos filhos e dos bens a serem divididos, a primeira alternativa era a decisão tomada.

Arrastada pelos cabelos no meio da rua, puxada de dentro de carros, da casa da minha mãe e de tantos outros lugares, tantas outras vezes, a agressão se tornou banal, de modo que eu não consigo me lembrar de todos os momentos em que o ato se repetiu. Foram inúmeros tapas, socos, pontapés, xingamentos, ameaças, arranhões, cortes, hematomas, dores, cicatrizes, gritos e lágrimas. Eu tinha motivos para me separar, mas faltava coragem. Hoje, antes de falar, eu reflito. Penso nas possibilidades de o relacionamento ter acabado antes de tanta tragédia. Nós como casal, familiares e amigos poderíamos ter sido poupados, e possivelmente, uma pessoa não teria morrido.

A história de Luciana

Conheci o Lucas em uma festa de amigos. Na época namorávamos outras pessoas, mas terminamos esses relacionamentos para ficarmos juntos. Uma paixão avassaladora tomava conta de nós. Passamos a ficar a maior parte do tempo colados, fosse na casa em que eu vivia com meus pais e irmãos, nas matinês ou na sorveteria.

As novidades que faziam o coração bater mais forte transbordavam nas nossas vidas. O mesmo turbilhão de emoções perceptível, ainda hoje, nas minhas palavras e nos meus olhos, que aos quinze anos encontrei meu grande amor.

Apesar de a minha família ser contra o namoro, quase não me importava. Eles criticavam e isso me chateava, mas o que eu tinha com o Lucas era especial. Alguém que não sentisse não seria capaz de entender. Os toques, os gestos, os detalhes, a intimidade, os três anos de um relacionamento intensamente encantador. Os momentos e a vivência que resultaram no primeiro fruto desse amor, a pequena Karlla.

Sempre tive pouca orientação por parte da minha mãe. Ela, com seu jeito sistemático, nunca se sentou para me explicar sobre sexo ou gravidez. Tudo isso eu descobri com o meu namorado e a partir daquele momento, o pai da minha primeira filha.

A primeira reação foi o susto. Como iria cuidar de um bebê? Eu ainda era uma menina. O que fazer durante e

depois da gravidez? Todas essas perguntas se tornaram medos, que foram desaparecendo enquanto o apoio de Lucas me dava forças. Pelo menos até o terceiro mês de gestação quando um dia, de repente, ele foi dar uma volta e não voltou. Não antes de um ano.

Quando a nossa primeira filha completou três meses de vida, ele reapareceu pedindo para conhecê-la. Como eu tinha passado tanto tempo sem saber do paradeiro ou ter qualquer notícia sobre ele, não aceitei. No momento em que eu mais precisei, ele simplesmente me abandonou.

Depois de muita insistência ele pôde pegar a filha nos braços. Apesar de saber que todas as atitudes já tinham demonstrado que tudo o que eu não deveria fazer era reatar o relacionamento, o amor que eu sentia me contradisse e foi mais forte que minha lucidez. Logo depois que a nossa primogênita tinha completado um ano, engravidei novamente. Dessa vez viria o meu Léo, o Leonardo.

A vida seguiu normalmente até o terceiro mês de gestação. Como se fosse uma história de novela, um filme ou um pesadelo, a realidade da mulher de dezenove anos, que cuidava da filha e trabalhava para manter a casa se repetiu. Quando Leonardo completava seu terceiro mês de formação no meu ventre, seu pai saiu de casa e não voltou.

A situação que já era difícil, se complicava. Meus pais estavam se separando e eu não tinha ajuda para enfrentar esse momento. Foi uma fase muito difícil. Grávida, com uma filha pequena, sem ajuda da minha mãe e o meu marido sumido de novo.

Depois de três meses ele voltou. Apesar da dificuldade para aceitá-lo mais uma vez em casa, eu o recebi. Fomos felizes por muitos meses. Embora enfrentássemos obstáculos financeiros para sustentar o casal de filhos, fazíamos o

possível para cultivar o amor e prover ao menos o necessário para a família.

Um ano se passou e engravidei outra vez. Agora era o tempo da Karol, registrada como Anna Karollyne. Dessa vez meu companheiro não saiu de casa, não fugiu, não desapareceu sem deixar pistas. Pelo contrário, foi presente e bom para a mim e a habitante da minha barriga. Assim foi até o oitavo mês.

Quando eu completava o último período de gestação, ele se afastou. Evitava se aproximar e mencionar a gravidez. Carente, eu chorava baixinho pelo afeto que não tinha sempre que carregava os filhos dentro de mim. Da mesma forma foi enquanto esperava o quarto filho, que tinha o mesmo nome do pai (de certa forma).

Apesar de ter conhecido meu esposo pelo nome de Lucas, depois de alguns anos morando juntos descobri que o nome de registro dele era Edivande. Estava procurando um documento dele para usar em alguma circunstância da qual não me lembro e estranhei quando vi aquele papel com o nome de Edivande. Ele disse que os irmãos sempre o chamaram de Lucas porque era mais fácil e “pegou”. Como sempre considerei um nome bonito, decidi batizar o quarto filho também de Lucas.

Já tinha decidido que meu segundo menino se chamaria Lucas e fazia planos na mente e às vezes até me esquecia o quão difícil foi a duração da quarta gravidez, pois mesmo estando dentro do nosso lar, Lucas estava distante e frio.

No dia em que eu comecei a passar mal era época de carnaval. Ele tinha saído de casa e estava há cinco, sete, oito noites, não sei, fora. Eu entrei em trabalho de parto e ele não estava lá.

Eu lembro que a minha sobrinha chamou a polícia e

eu fui na viatura até a maternidade para ganhar neném. Ele não apareceu, não visitou a mim ou o bebê. Eram situações que eu não entendia sobre o meu marido. Muito bom pai, depois que os filhos nasciam era sempre presente, mas no período das minhas gravidezes ele nunca foi o que eu esperava.

Isso me machucava muito quando acontecia e eu guardei essa mágoa por um período, mas aos poucos a gente vai sofrendo mais e algumas dores passam a ser maiores que outras. Eu era nova e achava que enfrentar essas situações era o fim do mundo. Mas as dores de verdade ainda estavam por vir.

Já me sinto mais confortável conversando com a mocinha em minha sala. Sinto que ela tem mil pensamentos enquanto conto cada detalhe, mas que não me julga. Ela simplesmente presta atenção e balança a cabeça vez ou outra em sinal de concordância enquanto confidencio certos sentimentos em meio às histórias.

Apesar da aparência de menina, é possível notar que ela compreende. Mesmo que tenha dificuldade para entender como alguém suportou viver dessa forma, ela compreende. Por isso eu sei que é hora de confidenciar as fases mais escuras do meu relacionamento.

Tento me controlar, mas começo a gaguejar, enfraqueço. Procuro uma manta capaz de aquecer as palavras para que elas possam soar menos cruéis do que realmente são. Quando vivi a situação, eu não tinha o entendimento que tenho hoje. Eu sabia que era algo contra a minha vontade, que era um ato forçado, mas não que era um tipo de violência tão grave, que é a sexual.

Não era um comportamento normal do Lucas. Eu estava saindo do banheiro que ficava na área da nossa casa

quando ele veio na minha direção. Ele rasgou minha roupa e minha calcinha. Ele sempre foi romântico, mas naquele momento agiu como se fosse outra pessoa, uma que eu não conhecia. Uma que me violentou.

Na época com 24 anos, eu trabalhava em uma loja no centro de Goiânia. Tinha um bom emprego e temia ser demitida. E esse temor aumentou quando três meses depois de ter sido violentada pela primeira vez, eu fui ao médico porque minha menstruação estava irregular.

Quando a enfermeira me chamou para fazer uma ultrassonografia, logo senti minha barriga se mexer. Revoltada com a forma como tinha engravidado e com receio de ser mandada embora do trabalho, saí do consultório e segui dando socos na barriga enquanto caminhei por mais ou menos três quilômetros. A reação foi momentânea. Hoje a caçula Kamylla é uma das minhas razões para viver. Assim como as outras quatro crianças que tive antes.

Ao chegar em casa, contei para o Lucas que estava grávida e fiquei surpresa com a reação dele, que pediu perdão pelo que tinha feito, chorou e me abraçou demonstrando entusiasmo com a vinda da próxima integrante da família. E ele realmente ficou contente.

Cuidou de mim durante toda a gestação, trabalhou muito para prover o necessário e o supérfluo para os filhos e teve a Kamylla como um presente raro. Como se fosse uma peça pregada pelo destino, ela, entre os cinco filhos, é a mais parecida com o pai. Os olhos, a boca, o sorriso. O tempo foi maravilhoso para todos, Lucas e eu nos unimos e eu consegui encontrar o perdão para tudo de ruim que tinha acontecido.

Conforme os meninos iam crescendo eu passei a me preocupar um pouco mais comigo. Resolvi voltar a estu-

dar e fui aprovada em um concurso da Prefeitura de Goiânia. Tive muito apoio do meu marido, perdi os treze quilos adquiridos durante a gestação da caçula graças às saladas que ele preparava para as minhas refeições, me buscava na escola e tantas outras atitudes que faziam com que eu me apaixonasse cada dia mais e que mesmo após o passar do tempo ainda me fazem dizer que se hoje eu sou funcionária pública e vivo bem é graças a toda a ajuda que tive dele.

Da mesma maneira que tenho gratidão, eu carrego a culpa de ter sido vítima das agressões. O Lucas não acompanhou meu crescimento e isso fez nossas vidas desandarem.

Além do trabalho no Distrito Sanitário Norte e dos estudos, eu comecei a trabalhar como gerente de caixa em uma casa noturna. Sentindo minha ausência em casa, meu esposo passou a preencher essa falta com a bebida, que veio aliada à embriaguez constante. Conforme o vício surgiu, as agressões também.

O fim da tarde se aproximava, por volta das 16h, eu cheguei em casa para tomar banho e ir para a boate. Sem motivo aparente, mas sob o efeito do álcool, Lucas começou a discutir assim que entrei pelo portão. Eu que fico nervosa facilmente, alterei o tom de voz e ele pegou o ferro de passar roupas e atirou contra o meu rosto. Eu mal pude ver, pois estava de costas e quando me virei logo senti o metal contra a pele que protegia os ossos da minha mandíbula. Até pensei que pudesse ter fraturado algum deles.

Assustada, chamei minha filha mais velha e pedi que ela pegasse um band-aid emprestado com a vizinha. Karlla quis saber por que meu rosto estava sangrando e menti que tinha batido em um dos cantos da casa. Cobri o corte abaixo do olho e fui trabalhar, pois sempre tive responsabilidade

com meus compromissos e não gostava de faltar ao local que ajudava a colocar comida no prato das minhas crianças.

Ao ser questionada pelos colegas, eu desconversei. A vergonha que eu sentia era muito grande para assumir a verdade. Enquanto mentia, sentia os olhos se encherem de lágrimas, que eram contidas.

No meio da noite eu voltei para casa. Deitei na cama e chorei para tentar aliviar toda a dor física e emocional que estava guardada dentro de mim. Dizendo-se arrependido, meu marido pediu perdão e disse que em mulher não se bate nem com uma flor. Ele prometeu que a situação não se repetiria e eu acreditei.

Não demorou para que a promessa fosse quebrada. As bebedeiras continuaram e Lucas se tornou cada vez mais agressivo. Tudo que eu dizia ou fazia o contrariava com facilidade. Aí era uma cadeira, um fio, um pedaço de pau, uma panela.

Além de me bater, ele começou a fazer dívidas. Uma delas foi feita com o filho de um policial, o que complicou mais ainda a minha rotina. Ouvi do rapaz que eu tinha a opção de pagá-lo ou não. Caso a resposta fosse negativa, o “caloteiro” seria morto. Temendo pela vida do meu esposo, fui ao banco sacar o dinheiro para pagar o homem. Ao entregar a quantia, ele devolveu e pediu que eu gastasse com os meninos, que eu era uma mulher de fibra e meu marido não valia nada.

Eu ficava triste ao ouvir os outros falando mal do Lucas. Era como no começo do nosso namoro e as pessoas diziam o mesmo sobre seu caráter. Contudo, para mim ele tinha o valor de pai e parceiro.

Mesmo gostando do emprego como auxiliar administrativo no Distrito, eu que tinha sido tão assídua no trabalho

estava correndo o risco de ser exonerada. Durante o período de um mês, eu passei a faltar cerca de 28 dias. Faltava coragem para sair de casa, para trabalhar e ser obrigada a expor meus hematomas e cicatrizes.

O segredo que eu tentava guardar já era de conhecimento da família, dos amigos, vizinhos, colegas de trabalho e até de pessoas que eu não sabia quem eram. Lucas já não batia em mim no limite do portão de casa. Não importava o lugar em que estivéssemos, sozinhos ou rodeados de pessoas.

Saí do banho e ele estava entrando em casa. Afoito. Mostrou-me a faca que tinha, do cabo branco, igual às de açougueiro. Não havia sinal de sangue.

Ele disse: “Isso tudo é culpa sua!”

Sem entender, eu andei em direção à multidão e vi o rapaz caído. Era o Fábio, filho da minha vizinha, dona Joana. Morto. Levou uma facada no peito.

Mais cedo, o Lucas tinha ido até a casa da minha irmã e discutido com o filho dela. O meu sobrinho reuniu seis amigos e os levou até a nossa casa para que eles pudessem bater no meu marido e agressor. Entre esses amigos estava o Fábio, que além de mim, foi uma vítima do Lucas.

A vergonha que eu sentia aumentou quando li em um jornal impresso “Rapaz morre ao tentar defender mulher agredida pelo marido”. Contudo, a vergonha era o menor dos sentimentos naquele momento.

Eu não sabia como digerir tudo o que estava vivendo, a ideia de que três dos meus cinco filhos viram o pai matar uma pessoa, que alguém tinha morrido pelas mãos de quem

eu tanto amava, de que eu realmente pudesse ter alguma culpa naquilo.

O crime aconteceu na noite de uma sexta-feira. Lembro-me como se fosse hoje. Cheguei em casa e o Lucas não estava, tinha saído de bicicleta. Pensei em me arrumar rapidamente e ir para o serviço. Porém, aquele banho não terminou como de costume.

Na mesma noite, eu fui com minhas crias para a casa da minha irmã. Só na segunda-feira consegui voltar para o nosso barraco, que se tornou a cena de um crime. Pouco depois de chegar em casa, o telefone tocou. Quem atendeu foi o Leonardo. Do outro lado da linha era o pai, que fugiu logo depois de ter matado o vizinho.

Ao ouvir do pai de que tudo era culpa da mãe, Léo se virou contra mim e ficou um mês sem trocar uma palavra comigo. Devastada, senti o chão desmoronar.

Fui até o quintal para tentar encontrar uma forma de respirar e foi então que notei as facas, pedras e pedaços de pau espalhados pela terra, as janelas de casa quebradas e outros vestígios de uma noite que ainda permanece em minha mente.

Enquanto andava por ali me deixei navegar na onda de memórias que tomou conta de mim. Os sorrisos e lágrimas. Tudo o que eu tinha suportado até ali. Às vezes que eu apanhei em silêncio mesmo tendo vontade de gritar e pedir socorro. Pensei nos inúmeros buquês de rosas que ganhei do Lucas e me dei conta de que recebi mais espinhos desse amor do que flores. A luz virou escuridão e eu me acostumei a viver na sombra. Eu aguentei todo o mal que ele me fez porque a culpa foi minha.

Assim que termino a frase, a repórter se assusta um pouco. Reflito sobre tudo o que eu disse e qual foi o ponto

que a intrigou. Ela não me contesta, pois sei que essa não é sua função nesse diálogo, mas entendo que foram minhas últimas palavras que a afetaram.

A jovem tenta digerir toda a história e principalmente como eu posso pensar que sou a culpada de tudo de ruim que aconteceu na minha vida. Só quem sabe de uma situação é quem a vive e ela ainda é nova, não deve ter sofrido a violência no próprio corpo. Por isso ela tenta achar uma resposta para meu sentimento de culpa.

Seu olhar demonstra uma mistura de tristeza e pontos de interrogação. Realmente é isso que a intriga. Eu me culpar quando eu fui a vítima. É nisso que ela pensa. Em como eu apanhei, fui cortada, maltratada, ferida, quase destruída pelo homem que amei e ainda assim acho que a culpa foi minha.

Imagino que ela pense em tantas outras mulheres que enfrentem esse crime diariamente, dentro de suas casas e as compare comigo. Indaga em silêncio se elas também se culpam. Questiona se outras vítimas podem considerar que são responsáveis por receber golpes físicos de alguém que tem o dobro da força delas, se acreditam que por terem agredido verbalmente merecem sofrer as consequências na própria carne.

Acho que assim que ela ouviu o que eu disse foi que tomou a proporção de quão séria e grave é a situação da violência, que atinge milhares de mulheres em todo o mundo. Acredito que toda mulher se coloque no lugar da outra nesse tipo de situação, mesmo que não a vivencie. Maior que os pensamentos relacionados à proporção desse problema tem sido a confusão na mente dela ao tentar entender por que eu quero tomar para minha consciência uma culpa que eu não tenho, mas que eu sinto ser minha. E que ela tem

certeza que não é.

Tentando descomplicar, explico à minha entrevistadora como eu vejo o que eu vivi e digo que a minha falha foi a de ter evoluído e o Lucas não ter me acompanhado. O meu erro começou nesse momento.

Enquanto eu terminava os meus estudos, eu não o levei comigo para que ele concluísse os dele. Portanto, ele não pôde prestar o concurso da Prefeitura assim como eu fiz. Eu tinha dois empregos que ofereciam uma boa condição de vida aos nossos filhos e ele não. Na época em que eu estava estudando, já não gostava dos amigos dele, pois os achava ignorantes. Preferia minha turma da escola, pois todos tinham ideias evoluídas. Quando ele me batia, eu o menosprezava.

Ainda assim, eu buscava formas de me proteger e registrava denúncias contra as agressões no 22º Distrito Policial, que atende as três etapas do Jardim Curitiba e outros bairros da região noroeste. No entanto, os boletins de ocorrência tiveram uma única serventia, provar o motivo da minha ausência no trabalho e continuar empregada.

Essas atitudes fazem com que eu me sinta culpada. Não pela forma com que ele reagia, afinal ninguém merece apanhar, seja homem ou mulher. A responsabilidade que eu sinto é a das consequências, pois se eu não tivesse feito com que ele se sentisse inferior a mim, ele não teria buscado refúgio para esse problema na bebida e possivelmente não teria se transformado na pessoa que foi até o dia de sua morte.

Depois de três horas de conversa, eu derramo minhas primeiras lágrimas. A saudade que eu sinto hoje é maior

do que as dores que passaram. As marcas permanecem na alma, mas os hematomas na pele são apenas recordações. Eu ainda o amo. Meio sem jeito, a jornalista me olha diferente de antes. Eu entendo que não importa o que eu tente alegar, ela não vai conseguir me culpar por nada do que aconteceu, mas compreende porque eu tento me responsabilizar.

Essa moça pode não ter vivenciado a violência, mas sobre o amor ela conhece. Acho que ela reflete que além dos filhos, da necessidade do sustento financeiro e do medo há outro motivo para que eu e tantas outras mulheres suportemos uma vida de agressões por dias, meses e até anos. Em vários desses casos há amor envolvido e segregá-lo da dor não é uma missão fácil para quem convive com os dois sentimentos.

Apesar de saber que cada caso se diferencia de outro, ela compara tudo que eu vivi com o Lucas da mesma forma que eu. Pensa nas tantas vezes que ele me deu rosas e tapas e conclui como é árdua a tarefa de tirar os espinhos das rosas sem se machucar.

Eu oscilava entre os momentos de bem e de mal, entre a alegria e a tristeza. Emocionava-me quando meu amado se abria em forma de rosa, mas me feria quando ele se tornava um mar de espinhos capaz de me fazer sangrar.

Por muito tempo eu guardei mágoas, rancor e as dores de cada vez que meu marido me bateu. Ao seu lado conheci sentimentos que pensava serem impossíveis de alcançar, tanto positivos quanto negativos. Contudo, um dos piores foi a pena que eu senti dele nas últimas vezes em que nos encontramos.

Tinha receio de perguntar demais e me envolver além do necessário, mas eu sabia que ele estava vivendo uma

fase problemática. Estava magro, sempre com olheiras, sem brilho. As drogas tinham se tornado sua companhia.

Víamos-nos apenas quando eu ia buscar os nossos filhos nas visitas à casa em que ele morava com um amigo, que eu não gostava por saber que estava envolvido nas mesmas ações erradas que meu ex-marido. Trocávamos poucas palavras, ainda assim, quando ele se dirigia a mim era de forma agressiva. A sensação que eu tinha era de que nos tornamos estranhos um para o outro, mas por dentro o que eu sentia era a mesma sintonia de quando nos conhecemos.

Hoje, quando eu e meus filhos falamos sobre o pai deles, destacamos os momentos bons, que foram muitos. Para ser honesta, eu temo ser injusta ao falar sobre as partes ruins. É como se eu estivesse contando um segredo, que muitos sabiam, mas que já estava quase guardado.

Podem parecer que eu estou sendo ingênua querendo mascarar todo o mal que ele me fez, mas só estou sendo honesta. Muitas mulheres no meu lugar teriam fugido na primeira vez que tivessem apanhado, mas havia muitas razões envolvidas na minha decisão.

Eu sempre escolhi lutar pela família que construímos, ainda que desmoronássemos tantas vezes. Minha missão era recolher todos os pedaços e nos reerguer. Fico feliz por ter sido forte e resistido tantas vezes. Não me arrependo. Eu fiz o que sabia que precisava fazer. Eu fui mãe, esposa e meu próprio refúgio para tanto sofrimento.

Se neste instante eu e ele ainda fossemos um casal, se eu ainda fosse a mulher que apanhava e sobrevivia em nome dos filhos e do amor, tudo poderia ser diferente. Talvez eu tivesse sido destruída pelas mãos dele ou meus filhos tivessem seguido maus caminhos na vida, mas nada disso aconteceu. As possibilidades não constroem, apenas

geram esperança e foi na esperança que eu me apoiei por muito tempo. Pode ser que tudo tivesse sido diferente se o Lucas ainda estivesse vivo, mas não. Hoje ele só vive nas lembranças, por isso, eu opto por revivê-lo nas memórias alegres.

Apertando uma mão na outra, estalando os dedos em intervalos de segundos, a entrevistadora me olha de um jeito doce. Empatizamos desde o momento em que trocamos mensagens por celular. A princípio achei inconveniente tantas perguntas feitas a mim sem sequer me conhecer, mas não demorei a dar uma chance a ela e contar minha história.

Confesso que sempre que falo sobre o que vivi sinto como se me limpasse dos males do passado. É bom compartilhar e poder ouvir a mim mesma, pois eu consigo compreender que eu não era obrigada a suportar minha situação. Ninguém é. Eu escolhi aguentá-la até o momento em que Deus me deu forças. Eu tenho muita fé e creio que sem isso eu não estaria aqui, nesse instante, contando tudo isso.

As pessoas sempre me julgaram dizendo que eu agia errado por continuar com meu esposo, mas se foi uma escolha ruim, eu sei que a fiz, principalmente, pelos meus filhos. Eu não podia ser egoísta e abandonar alguém que era ruim para mim e bom para eles.

Meu erro foi pensar que eu estava sozinha, que nada iria mudar ou que esse mal não teria fim, mas tudo aconteceu de uma forma que sou incapaz de explicar. Confesso que sofri muito e poderia ter evitado que outros sofressem também, mas voltar no tempo é impossível. A vida é agora.

Onze horas da manhã. Dia 23 de setembro. Estava em casa quando o telefone tocou. Lucas pediu que eu fosse buscar uma quantia em dinheiro que ele queria dar aos nossos filhos. Respondi que precisava resolver algumas coisas e depois do almoço iria encontrá-lo.

Por volta das duas da tarde eu cheguei à Praça Tamanduá, no setor Leste Vila Nova, perto de onde ele estava morando. Sentamos em um banco como fazíamos no começo do namoro quando ainda éramos dois jovens em fase de descobertas.

Ele estava perfumado, como de costume, bem vestido e com um brilho nos olhos que há tempos eu não via. Fez com que nossas mãos se encontrassem e me pediu perdão. Disse que havia feito muito mal a mim e à nossa família, mas que tudo seria diferente. Disposto a mudar, me fez promessas e juras de amor naquele banco de praça. Lá, juntos, um filme se passava em minha mente e me mostrava cenas de dor e amor vividas ao lado daquele homem.

Quatro horas depois eu disse que era hora de ir embora. Não havíamos levantado daquele assento até percebermos que o sol já havia se posto. A gente se despediu e eu fui embora carregando dúvidas e a danada da esperança que nunca saiu de perto de mim.

Pensei tanto na possibilidade de viver com o Lucas outra vez que adormeci e sonhei a respeito. Pela manhã do dia seguinte meus pensamentos foram interrompidos. O telefone tocou. Era uma ligação do Instituto Médico Legal de Goiânia.

O corpo de um homem de trinta e quatro anos com documentos no nome de Edivande Lopes de Almeida havia sido encontrado. Morte causada por uma facada no peito. Crime ocorrido na noite anterior. Autoria desconhecida.

As lágrimas que um dia foram causadas por alguém que tanto amei passaram a ser derramadas pela dor de sua partida. Lucas morreu da mesma forma que matou o Fábio, nosso vizinho. Depois eu ouvi alguns boatos sobre a causa da sua morte, que poderia ter sido consequência de uma briga envolvendo bebida e drogas. Ele não iria mudar como me prometeu, mas isso não me deixou triste.

Eu pensava nos planos de Deus, na tarde do dia anterior em que nos despedimos sem saber que era para sempre. Choro sem pudor. Olho para a jovem à minha frente e choro. Eu ainda o amo. Confesso em voz alta.

Dez anos se passaram e eu nunca tive outro namorado ou marido porque eu não me imagino sem amá-lo. Sim, eu sofri muito ao lado dele, mas continuo sofrendo sem ele. A diferença é que agora não dói. Eu sinto uma saudade bonita, diferente da pele marcada de hematomas.

Levei muitas rosas ao cemitério para o sepultamento dele. Queria retribuir uma parte das tantas flores que recebi. Naquele momento enterrei os espinhos no passado. Parte da promessa que o Lucas fez já estava se cumprindo. Mesmo não estando presente, tudo seria diferente.

Meus filhos seguiram suas vidas, todos vivem bem e essa é minha maior alegria. Toda a minha jornada foi por eles. Quando nos reunimos nos almoços familiares aos domingos falamos sobre o presente. Karlla, Leonardo, Anna, Lucas e Kamylla sentem apenas o afeto que receberam de mim e do pai. Decidimos que ao contrário da poesia, na vida, amor e dor não rimam.

Tudo que passei me mudou de muitas maneiras, mas há algo em minha essência que permanece intocável: a esperança.

IV
LÁGRIMAS
NÃO TÊM SOM

Obs: O nome do agressor foi alterado a pedido da fonte.

“Quando o casal não se beija mais, o amor acabou.”

Eu sempre gostei de ouvir programas de rádio. Às vezes o barulho que sai dessa caixinha soa mais alto que meus pensamentos e isso me acalma. Já ouvi músicas que se tornaram grandes sucessos, pedidos de ajuda, sorteios de brindes, propagandas de supermercado, notícias boas e ruins, debate entre os locutores e tantas outras coisas, que nem me lembro. Exceto uma.

Minhas filhas estavam brincando quietas no quarto e eu arrumando a cozinha de casa. Não podíamos sair porque estávamos trancadas. Então eu ouvia o rádio para ter com quem me relacionar, ainda que fosse um monólogo em que eu apenas escutava.

Exercia meus afazeres quando uma sábia senhorinha entrou pelos meus ouvidos dizendo que o reflexo do fim do amor entre um casal era os dois não se beijarem. Pois ela, mesmo estando casada há muitos anos ainda era apaixonada no marido e eles se beijavam todos os dias.

Sem deixar de cuidar das tarefas domésticas, eu continuei pensando na mensagem que chegou a mim através daquele aparelho.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que meu marido e eu tínhamos nos beijado.

Depois de um longo tempo tentando combinar nossos horários, a repórter e eu finalmente conseguimos nos encontrar. Assim que ela entra, peço que não repare a bagunça, pois trabalho muito e não tenho tempo para cuidar da casa. Hoje, quando penso nisso percebo a ironia. Há três anos tudo o que eu fazia era cuidar do meu lar, que estava sempre limpo e arrumado. Agora, sequer tenho tempo para pensar nisso, pois trabalho no que realmente me faz feliz. Contudo, não abandonei a limpeza.

Preparo um café para me sentir mais calma e contar a essa quase estranha em minha vida sobre fatos que vivi. Primeiro mostro uma foto das minhas filhas, que são meu maior tesouro. Exalto a beleza delas e ela sorri. Enfim, é hora de começar.

Sentada no canto do sofá preto, mostro a cicatriz no canto esquerdo da minha boca e digo que ela é consequência de um murro e cinco pontos. Tínhamos ido a uma festa de família, bebi um pouco e o João exagerou, como de costume.

Na volta trouxemos dois sobrinhos nossos para dormirem em nossa casa. Ao chegar à garagem do prédio, meu marido pediu que eu descesse e procurasse uma vaga para ele estacionar. Eu havia bebido um pouco e já estava alterada. Por isso, respondi que não iria, pois todos os dias ele chegava bêbado e conseguia deixar o veículo no lugar exato. Ele me repreendeu com o olhar e disse: *Eu vou te quebrar, Izabel.*

Pedi às crianças que subissem para o nosso apartamento. Enquanto isso eu e ele discutíamos. No segundo andar, ele me deu um soco que me fez cair na porta da casa de uma das moradoras. Ela saiu assustada com o barulho e entrou em desespero ao me ver sangrando. Um outro vizinho ao notar a situação resolveu me defender e tirar satisfações com o meu agressor.

Nesse momento, outros moradores já tinham ligado para a polícia enquanto o escândalo acontecia em meu lar. O vizinho que tentava me ajudar era depreciado pelo meu marido, que dizia que aquela atitude significava que eu e ele éramos amantes.

Com o rosto inchado, sentido dor, ferida, eu sequer conseguia contestar. Ouvia sirenes nas três entradas do prédio e via rostos curiosos nas portas e janelas de todos os cantos.

Sabendo que os moradores queriam linchá-lo, João ordenou que nossas filhas mais velhas o acompanhassem e pegou nossa filha caçula, Ana Eloísa nos braços, uma cena inédita, pois ele só tocava nas meninas para agredi-las.

Ninguém teve coragem de bater nele por medo de atingir alguma das meninas. Ignorante como sempre foi, ele disse que não iria até a delegacia na viatura da Polícia Militar, pois ele era um policial civil aposentado e se deslocaria por conta própria.

Junto das três, ele saiu no próprio carro e foi até o distrito policial da região. Uma vizinha me levou ao local e não demorou para que minha irmã Glória e minha mãe soubessem da confusão e fossem ao meu encontro.

Assim que chegou, Glória ao tirou as três sobrinhas do carro do pai e as levou para a casa do nosso irmão.

Enquanto isso, eu fiquei na delegacia prestando de-

poimento, que sabia ser inútil, pois eu estava em uma unidade da Polícia Civil. Nada seria feito contra o meu marido. Eu tinha certeza.

Depois de desperdiçar palavras, fui levada ao hospital e tive o canto do meu lábio costurado, e assim ganhei mais uma cicatriz para a coleção.

A história de Izabel

Quando eu tinha três anos minha família se mudou de Guaratinga, na Bahia, para Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, em busca de uma vida melhor. Sinto-me mineira de alma e coração, pois cresci em uma cidade boa junto aos meus pais e meus dez irmãos. Começamos a trabalhar logo cedo para ajudar nas finanças de casa. Por volta dos doze anos eu parei de estudar, cursando até a terceira série do ensino fundamental e passando a colaborar no serviço de camelô.

Aos dezenove anos eu trabalhava na casa lotérica da Praça Sete, localizada no centro de Belo Horizonte. Na época a função era mais fácil e tudo que fazíamos era registrar apostas dos jogadores. Foi em uma das tardes de trabalho que recebi um cartão com o número de telefone desse advogado. Ele pediu que eu ligasse para ele e marcasse um encontro. Como eu tinha namorado e o considerei um homem velho e feio, apenas guardei o cartão na gaveta da mesa que eu usava.

Ele ia até a lotérica registrar jogos com frequência,

mas eu não dava atenção para as cantadas baratas que recebia dele durante meses. Até que um dia ele desapareceu. Passaram-se semanas sem que ele fosse até lá.

Eu estava arrumando a gaveta quando encontrei o cartão em meio aos meus papéis, chicletes, canetas e outros objetos. Eu sabia que não devia, mas em um impulso errôneo da juventude peguei o telefone e liguei.

O nome da secretária que me atendeu era Márcia. Disse que o “doutor João” não estava no escritório e perguntou se eu queria deixar recado. Tudo que respondi foi para que avisasse que a Izabel da casa lotérica havia ligado. Hoje, eu só não me arrependo porque tenho minhas filhas, mas se eu soubesse tudo que viria depois daquela ligação, eu não a teria feito.

Minha mãe costumava dizer que ele não me conquistou, mas me comprou. Eu nunca concordei, porque eu sei que não sou o tipo de pessoa que se vende. João era carinhoso, me presenteava constantemente e me levava a lugares luxuosos, aos quais eu não estava acostumada.

Era algo diferente e que me agradava, mas eu não fazia por interesse, eu realmente gostava daquele homem dezoito anos mais velho que eu.

No mesmo dia em que deixei o recado da ligação com a secretária, ele me retornou. Não tive mais sossego. Mal conseguia respirar. Ele estava no meu trabalho assim que eu chegava e voltava no meu horário de saída. Ligava-me constantemente. Pedia para me levar para aos lugares. Sempre arranjava um jeito de estar comigo.

Eu me sentia errada, pois ainda estava em outro re-

lacionamento, mas terminei tudo assim que comecei a me relacionar com o João. Passei a ver aquele homem feio e velho com outros olhos. Não demorou para que eu me apaixonasse.

Tudo era bom, a única parte que me incomodava eram as demonstrações de ciúmes frequentes da parte dele. Estávamos namorando a cerca de um ano e tínhamos ido assistir a maior paixão dele, o Atlético Mineiro em uma partida de futebol.

Perto do fim do jogo, ele iniciou uma discussão alegando que dois homens sentados ao meu lado no estádio estavam flertando comigo. A briga durou até a hora de irmos embora. Dentro do carro ele gritava sem parar, até que sua voz foi abafada pelo som da sua mão contra o meu rosto.

João me deu um tapa. No mesmo instante pediu desculpas e disse que nunca mais faria isso. Ingenuamente eu acreditei, pois não fazia ideia de que aquele tapa evoluiria. Seria uma infinidade de chutes e socos, um garfo lançado no braço, uma colher na perna, um copo na cabeça, todo o meu cabelo cortado com uma faca de mesa e muitas humilhações.

Ele não precisava estar embriagado para me bater. Era violento o tempo todo. Saía de casa de um jeito, muitas vezes calmo, mas voltava totalmente diferente. Eu e as meninas ficávamos atentas ao som do portão do prédio. Quando batia se fechando, minhas filhas corriam para o quarto e fingiam estar dormindo, caso contrário corriam o risco de apunhar. Assim como eu. Porém, eu precisava agir de outra maneira. Eu devia estar sempre acordada.

Não importava a hora que meu companheiro chegasse em casa. Fosse duas, três, quatro ou cinco da madrugada. Se eu estivesse dormindo, ele me acordava, sem abrir a boca para me chamar. Ia até geladeira, pegava a jarra com água gelada e despejava no meu rosto. Outras vezes, usava água da pia ou do vaso sanitário.

Não importava o que eu fizesse para tentar evitar a tortura, João sempre encontrava uma forma de me maltratar. A maior delas era me aprisionar.

Quando saía para trabalhar, ele trancava a porta do nosso apartamento. Eu não tinha permissão para ter uma chave. Meu cotidiano se passava em alguns metros quadrados. Entediada, eu exercia atividades ao meu alcance. Comer, cuidar da limpeza do ambiente, assistir televisão, ouvir rádio, cozinhar e outras coisas que pudessem ser feitas na minha prisão que não tinha grades, mas paredes. Sedentária, cheguei a pesar noventa e sete quilos. Outro motivo de humilhação.

Eu tinha vergonha de me olhar no espelho porque sabia que estava gorda e feia. Sentia-me um lixo e assim eu me via no reflexo dos olhos do meu parceiro, que não perdoava. Atacava-me com todas as palavras que encontrava para me magoar. Dizia que nenhum homem poderia sentir atração por uma mulher nas minhas condições, muito menos ele. Ainda assim, me mantinha trancafiada alegando que eu pudesse traí-lo se saísse de casa.

Estávamos juntos há mais de um ano quando descobri que o João era casado e tinha outra família. Nessa época morávamos ao lado da casa dos meus pais em um barracão

construído para nós com a ajuda dos meus parentes.

Glória, minha irmã e eu precisávamos resolver algumas pendências no Centro e passamos no escritório do meu esposo, que fica no mesmo bairro. Ele foi até uma lanchonete perto do prédio para comprar alguns aperitivos para nós. Minha irmã sempre desconfiada começou a bisbilhotar as gavetas dele. Não demorou para que ela encontrasse uma fotografia do cunhado abraçado com uma mulher, dois rapazes e três moças.

Ao ver a imagem meu sentimento foi de espanto. Como eu não tinha visto ou ouvido falar sobre aquelas pessoas? Era uma típica foto de família. Não havia dúvidas. Glória começou a questioná-lo assim que ele entrou pela porta:

- Quem são esses, João? É a sua mulher? Esses são os seus filhos? Não adianta negar, a máscara caiu.

Apática, apenas assisti aquela cena como se eu não fizesse parte dela, como se estivesse sentada em frente a uma tela assistindo a um filme no qual eu não atuava. Em uma reação instantânea, ele ficou na defensiva e explicou que não tinha nada a falar com minha irmã, apenas comigo.

Ainda nervosa, Glória saiu da sala e nos deixou a sós. João assumiu que tinha mentido dizendo que ele e a mulher tinham se separado, pois ainda estavam juntos, apesar de o casamento já ter fracassado. Fiquei devastada por ter sido enganada durante tanto tempo, mas aquele era o homem que eu amava. Acreditei quando ele disse que tudo iria se resolver e dei o meu perdão. Porém, não foi tão fácil assim quando a primeira mulher dele descobriu sobre mim.

Era o fim de mais um expediente na casa lotérica. Minha amiga Amilca estava trabalhando como secretária do meu companheiro e ligou convidando minha colega de

trabalho, Selma e eu para tomarmos uma cerveja em um bar da Praça Sete. As mesas de lá eram montadas com duas cadeiras interligadas. Ambas sentaram em um par e eu sentei sozinha no outro. Éramos três em uma mesa para quatro pessoas.

Jogávamos conversa fora e ríamos juntas quando um conhecido da Amilca chegou onde estávamos e se sentou ao meu lado, que era o único lugar vago e começou a conversar com ela. Sem saber que João estava escondido em seu carro estacionado na Praça, me assustei quando ele entrou no bar fazendo um escândalo.

Sacou a arma que sempre carregava e fez ameaças ao colega da Amilca insinuando que nós dois estávamos juntos, que ele estava me cantando e que aquela era a cena de uma traição. Antes de sentir vergonha pela atitude do meu namorado, eu temi pela vida daquele rapaz que eu pouco conhecia.

Outras pessoas vieram até nós e contiveram aquela discussão sem sentido. João começou a gritar que Amilca estava demitida e que faria um inferno na vida da Selma, pois diria ao marido dela que estávamos “vagabundando”.

Fui atrás dele tentando acalmá-lo e aos poucos consegui, mas nem tudo terminou bem. Amilca decidiu se vingar do patrão depois que ele a demitiu e ameaçou a vida de seu amigo, portanto, ela ligou para a esposa dele e contou tudo sobre o nosso romance.

Seu nome era Fátima. Eu sabia disso e tinha visto seu rosto anteriormente na foto encontrada na gaveta do homem que até aquele momento tinha um relacionamento com nós duas. Estava trabalhando quando ela chegou no meu caixa da casa lotérica e perguntou se eu me chamava Izabel.

Disse que sim e a reconheci. Não trocamos muitas pa-

lavras, o que foi diferente do que aconteceu entre ela e seu, até então, marido. Os dois discutiram bastante e decidiram que o melhor caminho seria o divórcio. Aos poucos a situação foi melhorando, ao menos eu pensava que iria.

Um ano e meio depois de morarmos juntos eu já esperava nossa primeira filha. Antes mesmo de nascer Isabela era um presente em nossas vidas. Até certa época após a sua chegada, a convivência com o pai da minha princesa ainda era tranquila. Oscilava, havia dias bons e ruins. Vez ou outra ele me batia, mesmo eu estando grávida, e isso aconteceu na gestação das nossas três filhas.

Eu sentia que em muitos momentos o meu parceiro era um pedaço do céu, em outros parecia outra pessoa. Muito agressivo na forma de me tratar, conversar comigo, vivia gritando aos quatro cantos, fora a promessa quebrada no dia daquele jogo de futebol em que ele disse que não tocaria em mim de forma violenta novamente. Aquele tapa foi apenas uma demonstração do que se tornou uma música que tocava na rádio mais de uma vez por dia, que se repetia diariamente durante uma semana, um mês ou um ano.

As ocasiões eram sempre indeterminadas. As situações cada vez mais inexplicáveis. Estivéssemos em casa ou em um local público. Eu devo ter apanhado em cada cômodo das duas casas e dois apartamentos em que moramos juntos. Fui agredida em tantas ruas, que nem se quisesse eu teria decorado os nomes. Em época de trabalho ou de férias. Apanhei na praia, nas casas de familiares meus e dele, à vista das minhas filhas e de desconhecidos.

Havia dias em o João chegava do trabalho ou das noites de bebedeira e eu sentia o cheiro de outras mulheres na pele dele, havia vestígios de maquiagem nas roupas que usava e o comportamento que já oscilava constantemente,

ficava cada vez mais diferente. Ele nem precisava se explicar e inventar um motivo para me bater, pois chegava sem dizer uma sílaba e me mostrava sua força.

Quando eu mencionava suas amantes, a alegação era de que eu estava tentando acusá-lo de algo que apenas eu fazia. Ele dizia que era eu quem tinha outros homens, que eu era a adúltera. Para o meu marido, esse era mais um motivo para que o meu corpo pagasse por pecados que eu não cometia.

Essas desculpas deveriam ser uma válvula de escape para a consciência dele, se é que havia uma. Não havia razões. Ele me batia por *hobby*, para passar o tempo, para mostrar que havia uma superioridade e dominação sobre mim, mas que na verdade nunca passou de covardia.

Durante os vinte e três anos ao lado do meu companheiro eu passei muitas noites em claro. Havia vezes em que eu e a Isabela revezávamos os horários de sono. Enquanto uma dormia, a outra ficava acordada. Nosso temor era de que o meu marido me matasse enquanto eu dormia. O medo era minha companhia e minhas filhas também o carregavam.

Minha filha do meio, Rosilaine, nasceu quando a Isabela estava com quatro anos. Cuidar dela quando bebê não foi tarefa fácil. Apesar de ter um pai negro e uma mãe morena, a bebê nasceu com a pele clara. Como se apanhar enquanto a carregava em meu ventre não fosse o bastante, depois do seu nascimento houve mais um motivo apontado por João para que eu pagasse o preço dos meus erros.

Ele rejeitou a menina dizendo que por ter a pele de

cor clara, ela não poderia ser filha dele. Não quis registrá-la em suas primeiras semanas de nascimento. Batia em mim quase que diariamente ou mais de uma vez por dia para compensar a surra não dada anteriormente.

Muitas vezes, quando a minha pequena Rosilaine tinha apenas alguns meses de vida e começava a chorar em seu berço, eu pensava em correr até ela e acalmá-la, mas meu marido não deixava. João me segurava e dizia que eu deveria servir a ele e a Isabela primeiro. Passavam-se horas sem que eu pudesse amamentar a Rosi.

Com o tempo ele deixou de fazer falsas acusações sobre a paternidade da menina. Contudo, não deu amor a ela. Sempre bateu muito nas nossas filhas. Isabela era a que mais apanhava, pois João dizia que por ser a mais velha, nós duas éramos cúmplices e que ela me acobertava para que eu o traísse.

Uma vez viajamos para o Espírito Santo, a data era 19 de fevereiro, aniversário da Isabela. As férias que deveriam ser na praia serviram para que ficássemos trancadas na casa alugada naquele período. Rosilaine e Ana estavam brincando de correr e João mandou que parassem.

As duas continuaram e o pai avisou que a Rosi iria apanhar assim que ele chegasse. Como João só voltou depois da meia-noite, nossa filha do meio já tinha adormecido. Porém, meu marido pegou o cinto que servia para apertar a bermuda e o transformou em uma arma de maldade.

Mesmo com a menina dormindo, ele a atacou. As pernas infantis ficaram todas marcadas. A surra só teve fim quando o cinto arrebentou.

Essas situações me doíam mais do que quando quem apanhava era eu. Sentia-me impotente, tinha medo de reagir e ser atacada. Temia que João pudesse atentar contra a

minha vida e minhas filhas ficassem sem mim, e tivessem apenas aquele pai que as espancava, que as fazia assistir a mãe ser agredida e vivessem naquela atmosfera de terror.

Eu sangrava por dentro cada vez que via ou escutava minhas filhas apanhando do homem que deveria ser a fortaleza delas, enquanto eu não conseguia reagir de forma efetiva. Implorava de joelhos, chorava e berrava com meu companheiro, mas era em vão. Ele não me dava ouvidos durante horas e eu sabia que quando acabasse a vez das meninas, a próxima a apanhar seria eu.

Se eu fosse contar todas as histórias sobre a violência que vivenciei durante vinte e três anos eu teria que parar meu cotidiano e me dedicar a isso várias horas por dia. A maioria delas eu sequer me lembro, pois é como almoçar diariamente. Uma semana depois é difícil lembrar o que se comeu na semana passada. É uma comparação boba, mas é a forma mais simples que eu tenho para explicar a frequência com que eu era agredida pelo meu companheiro.

O que eu me recordo era a dor que eu sentia. Na verdade era um turbilhão de emoções, pois não havia unicamente a dor física. A dor na alma é a que não cicatriza. A pele volta ao normal depois de um tempo, os hematomas vão embora, mas o sentimento de quem passa por isso é difícil até de descrever.

A repórter mal respira enquanto presta atenção no que eu falo. Peço licença para fazer um café. Sirvo para nós duas. Era a pausa necessária depois de despejar relatos que a deixaram com um olhar um pouco assustado, mas ainda assim sereno. Ela pergunta se há mais cicatrizes.

Digo que há tantas marcas que nem lembro como surgiram. Na perna esquerda há o sinal de uma colher lançada em minha direção e eu não sei explicar como, mas o objeto entrou na minha pele. No braço esquerdo há o sinal de um garfo que ele jogou, meu nariz já foi quebrado e uma vez ficou inchado depois que apanhei com a fivela do cinto. Eu costumava usar óculos escuros porque meus olhos estavam sempre roxos.

Meu esposo sabia como me violentar das maneiras mais criativas e maldosas. Houve um dia em que eu estava na janela do nosso apartamento e um vizinho acenou para brincar com a Isabela e a Rosilaine, pois a Ana ainda não tinha nascido. Assim que o João viu aquela cena nos obrigou a entrar no carro.

Fui forçada a sentar no banco de trás com a Isabela e a Rosilaine, que tinha apenas alguns meses de vida ficou sozinha no banco do passageiro enquanto chorava bastante. João acelerava e quando ela estava prestes a cair, o pai a rolava de volta para o encosto do assento. Eu pedia para segurar a Rosi nos braços, mas ele não deixava.

Depois de dirigir por vários quilômetros em uma estrada de terra, abrindo os vidros do veículo para que inalássemos a poeira que entrava, meu marido parou no meio do nada. Era um lugar sem nenhuma casa por perto. Tudo o que havia era mato.

Desci do carro e João me fez caminhar alguns metros enquanto Isabela e Rosilaine choravam dentro do carro. Aquele foi o momento em que eu pensei que iria morrer e por alguns minutos me senti aliviada. Aceitei a ideia de que tendo minha vida tirada de mim seria a única maneira para deixar de sofrer, mas voltei meus pensamentos para minhas filhas e soube que jamais poderia abandoná-las.

Meu esposo sacou sua arma e disse que iria acabar comigo. Eu gritei por socorro mesmo sabendo que ninguém me ouviria. No entanto, ainda distante de onde estávamos, Isabela começou a clamar para que o pai não me matasse. Ele me espancou, mas, felizmente, não atirou.

Eu o amei por muito tempo, mas a decepção que eu sentia era tão grande que esse sentimento também passou. Foi levado junto com a alegria, a motivação e a vontade de viver. Naquela época eu apenas sobrevivia. Resistia pelas minhas meninas e pelo pavor que eu sentia de que ele fizesse um mal irreversível a alguma de nós.

Sentia saudades de ir até a casa da minha família, mas não ia por não ter permissão. Meu marido alegava que minha mãe não prestava, não tinha moral e que sua casa estava sempre cheia de “gente vagabunda”. Eu chorava por me sentir presa naquela condição, mas aos poucos me acostumei.

Mesmo sabendo que nada daquilo era verdade, cheguei ao ponto de concordar e achar que minha função era ficar quieta em casa e evitar estar com pessoas queridas para mim. Eu não buscava motivos para entender, apenas acatava.

Nas datas comemorativas como as do meu aniversário, dia das mães e natal, meu companheiro geralmente perguntava o que eu queria de presente e mesmo quando não fazia questão de saber, eu me ajoelhava aos pés dele e fazia um único pedido. Implorava para que eu e nossas três filhas nunca mais fôssemos agredidas, mas de nada adiantava. Muitas vezes sua resposta era apenas um sorriso irônico.

Até o dia em que decidi que outra pessoa poderia presentear minhas filhas e minha vida dessa forma. Esse alguém seria eu.

Enfermeiro e policial civil aposentado, João trabalhava como advogado e ainda atua na área. Eu não tive muitas notícias dele depois que fugi com minhas meninas. Três meses depois de estarmos morando em Goiânia, eu fui tomar o ônibus sozinha pela primeira vez. Quando coloquei o pé direito no veículo do transporte coletivo, me equilibrei na barra de apoio perto do motorista e olhei para os lados. Não havia sinal dele.

Os únicos rastros eram a cisma e o medo que ainda me acompanhavam, mas dessa vez havia um novo sentimento dentro de mim em meio aos tantos que se perderam nos tempos de escuridão. Uma sensação que eu conheci antes de me casar, mas que dessa vez estava renovada. Respirei fundo e a abracei.

Era a liberdade.

Depois de mais uma mudança, estávamos morando em um sobrado grande e de dois andares no bairro Jardim Alvorada. Uma das filhas do João, fruto do primeiro casamento, estava em nossa casa para uma visita rápida. Seu marido estava na igreja ao lado e logo iriam embora.

Estávamos conversando quando alguém bateu no portão. Fui até lá atender, o que eu podia fazer nessa época, pois João tinha deixado de me aprisionar dentro de casa. Ao abrir encontrei a minha vizinha, que estava sem sua chave e queria ajuda para chamar seu marido e pedir que ele abrisse a porta. A atendi e voltei para a minha cozinha.

Conversava com a minha enteada quando percebi que seu pai estava há muito tempo no quarto e decidi saber o motivo. Assim que coloquei o pé no cômodo me deparei com todas as minhas roupas cortadas e esparramadas pelo chão.

João segurou meu braço e disse que sabia que a vizinha tinha me entregado recado de homem. Eu tentei dizer que ele estava enganado, mas suas palavras foram duras:

- *Você é vagabunda, uma puta. Eu só não quebro sua cara agora porque a minha filha está aqui.*

Assim que finalizou a frase, ouvimos um grito do andar de baixo e eu soube que não iria escapar das agressões:

- *Sua benção, pai. Tchau, Izabel!* - disse a filha dele

Nesse instante recebi dois socos nas costas. Tentei recuperar o fôlego tomado pela pancada e antes de sair do quarto, olhei dentro daqueles olhos pretos e disse firmemente:

- Eu sei que eu já te falei isso muitas vezes, João, mas dessa vez pode ter certeza. Foi a última vez que você encostou a mão em mim.

Não recebi qualquer sinal de atenção, apenas a porta fechada atrás de mim. Me deitei com as minhas filhas e dormimos juntas. Pela manhã, ao despertar, meu marido já havia saído para ir à igreja que frequentávamos no centro da cidade. Apesar de as meninas já estarem arrumadas para acompanhá-lo, ele não as esperou.

Quando João saía sozinho, nós quatro participávamos da celebração na igreja ao lado de nossa casa. Levantei e as meninas estavam tomando café da manhã. Desci as escadas e encontrei minhas duas filhas mais velhas na mesa. Não me restava dúvidas do que eu queria fazer.

- Vamos embora, meninas? Eu cansei dessa vida.

Sem espanto algum, como se já esperassem essas palavras há tempos, elas concordaram. Isabela se virou para mim e acrescentou:

- *Sabe, mãe. Eu já tinha falado para a senhora que quando eu completasse dezoito anos eu iria embora. Eu estava me preparando para sair daqui assim que possível. O que a senhora decidir eu vou te apoiar.*

Eu pedi que elas pegassem todos os nossos documentos e colocassem apenas o necessário para vestir e calçar em suas mochilas. Nesse intervalo, eu usei um fio de telefone que estava escondido e consegui ligar para minha irmã Glória nos buscar. Felizmente tínhamos aquele objeto guardado, pois o João havia quebrado todos os nossos celulares e cortado todos os fios de telefone, televisão e aparelhos eletrônicos dentro de casa.

Durante a preparação para a nossa partida, a caçula Ana Eloísa voltou da igreja ao perceber que estávamos demorando a acompanhá-la. Ela entrou na cozinha sem entender porque as irmãs estavam com mochilas nas costas e nós não estávamos indo orar.

- *O que está acontecendo?* - Ana perguntou com aquele semblante de ponto de interrogação.

Depressa, respondi que estávamos indo embora daquela casa, daquele homem e daquela vida e tudo o que a pequena disse foi:

- *Nossa! Mas ninguém pediu minha opinião.*

Nessa hora nos desprendemos da tensão que tomava conta de nós e rimos involuntariamente. Era como se púdessemos sentir que teríamos uma chance de encontrar a felicidade.

Minha irmã chegou e nos levou direto à polícia. Era um sábado de véspera de natal, dia 24 de dezembro. Chega-

mos à Delegacia da Mulher e eu contei tudo para a delegada. Disse que há muitos anos eu apanhava do meu marido e o mesmo acontecia com as minhas filhas. Contei que ele nos deixava trancadas em casa e nos impedia de ter contato com outras pessoas. Enquanto eu dava meu depoimento, me lembrava de vários momentos tristes.

Uma vez a Rosilaine estava com uma febre tão alta que eu temi que ela tivesse uma convulsão. Não havia remédio em casa e sem ter como sair, eu e a Isabela nos ajoelhamos e fizemos uma oração para que a menina melhorasse. Choramos tanto que eu acredito que Deus teve pena e a curou.

Como era um final de semana de feriado, a delegada não pôde fazer nada além de registrar um boletim de ocorrência, mas disse que na segunda-feira poderia nos ajudar.

Conhecendo meu marido, eu sabia que ele iria nos procurar na casa da minha mãe, por isso fui com as meninas para a casa da Glória. Minha irmã preparou uma refeição farta para nós e foi para a casa da nossa mãe celebrar o Natal em família. Não pudemos ir para ninguém saber notícias nossas, nem mesmo os parentes mais próximos. Naquele ano, a data de comemoração do aniversário de Jesus se passou em silêncio para mim e minhas filhas.

Logo pela manhã, na segunda-feira, voltamos à delegacia. A assistente social demorou a nos atender e quando finalmente nos deu uma resposta, não foi a melhor que poderíamos esperar. O único local disponível para nos refugiar era um abrigo de moradores de rua, que ficava em Contagem, cidade que faz divisa com Belo Horizonte.

Ficamos assustadas ao chegar lá, desde o momento em que o responsável pelo local se apresentou a nós. Era um homem negro e que se chamava João. Aquilo me deixou apavorada, mas eu precisava ser forte para cuidar das minhas filhas. A área com muitos usuários de drogas não tinha boas condições de estrutura e higiene. Naquele momento parecia que em comparação a aquele lugar, minha vida não era ruim.

Em um dos cômodos havia várias mulheres, sujas, usando toucas e roupas rasgadas. Fomos convidadas por uma delas para nos juntar àquele canto em que estavam. O medo passou naquele instante em que passei a conhecer aquelas mulheres de diferentes estados e cidades. Algumas de Tocantins, outras de Uberlândia. Cada uma falava um pouco sobre si e sua história e sem perceber passamos a noite acordadas conversando.

Na manhã seguinte, a assistente social chegou ao abrigo para nos buscar. Meu trio e eu fomos levadas para o abrigo Sempre-Viva, que fica em Belo Horizonte, mas que sequer tem seu endereço divulgado por ser sigiloso. Ficamos refugiadas nesse lugar durante três dias e meio, mas tivemos que ir embora por dois motivos. Um deles era por minha filha Isabel ser maior de idade e o local acolher apenas mães e seus filhos com idade abaixo de dezoito anos e o outro era a preocupação de que o meu esposo descobrisse a localização do abrigo por ele ter sido investigador da Polícia Civil.

Buscando nos ajudar, a assistente social se empenhou bastante e encontrou uma solução para o nosso caso.

Isabel, eu consegui um lugar para vocês quatro.

Ao ouvir o que ela disse eu fiquei aliviada, mas não depois que a frase foi finalizada.

Esse lugar fica em Goiânia.

Ana Eloísa e as irmãs arregalaram os olhos. Também me assustei. Eu sempre gostei de Belo Horizonte, aquela cidade era o meu lar. Eu nunca imaginei morar em outra cidade, menos ainda em outro estado. Porém, assim que a assistente disse que a capital goiana tinha muitas oportunidades de emprego, eu não tive dúvidas de que seria um bom lugar para cuidar das minhas filhas. Voltar a trabalhar era um sonho que já estava adormecido dentro de mim.

No mesmo dia, por volta das cinco horas da tarde, embarcamos em um ônibus para Goiânia. Chegamos na manhã do dia 30 de dezembro. Eu estava com medo de as pessoas me julgarem pelo meu peso e minha aparência, mas fomos tão bem recebidas pela equipe do Centro de Valorização da Mulher (Cevam), que esse temor logo passou.

Na sede do Cevam havia um café da manhã preparado para mim e minhas filhas com muitas frutas e alimentos, além de um quarto separado para nós. De imediato nos sentimos seguras naquele lugar que foi nossa casa por três meses.

Assim que chegamos, minhas filhas foram matriculadas na escola, exceto a Isabela, que já tinha concluído o ensino médio. Eu fui contratada para trabalhar como funcionária doméstica na casa da presidente do abrigo. Durante um mês ela me levou de carro para que eu não fosse sozinha. Enquanto observava, eu aprendia onde ficava cada lugar nos caminhos que passávamos para chegar até lá.

Isabela também começou a trabalhar e aos poucos começamos a construir um novo presente para trilharmos.

Depois de três meses, eu decidi que era hora de deixar o medo e parar de me esconder. Aluguei um barracão de três cômodos, uma sala, um banheiro e uma cozinha e fui morar com minhas três filhas.

Nos últimos três anos fiz o que pude para aumentar a renda da minha família. Com a ajuda das minhas meninas, comecei a vender picolé e cachorro-quente na feira, fazia alguns bicos sempre que possível e não parei de trabalhar. Hoje tenho dois empregos, Isabela continua trabalhando, Rosilaine e Ana Eloísa estão estudando e nos mudamos para uma casa grande.

João descobriu o nosso paradeiro, mas felizmente não nos procurou. O último contato que tivemos foi em um tribunal quando há um ano eu pedi pagamento de pensão para as nossas filhas. As três guardam muita mágoa e rancor do pai e dizem que se um dia precisarem de levar um copo de água para ele, não são capazes de o fazer.

Discordo desse tipo de atitude e acredito que apesar de todo o mal que aquele homem nos fez, eu levaria sim um copo com água para ele e o ajudaria porque eu encontrei o perdão. Ainda convivo com o medo e me apavora a ideia de que um dia ele possa aparecer na porta da minha casa e nos fazer mal, mas o bem estar que eu sinto por não estar presa e nem ser agredida é emocionante. É maior que tudo.

Preciso repetir as palavras abafadas pelo som do meu choro.

Resgatar todas essas memórias é como reviver esses momentos. Não foi fácil passar por eles e é muito difícil trazê-los para um tempo ao qual não pertencem.

Hoje eu sou feliz e faço o possível para que minhas filhas também sejam.

O que passou é como uma canção que toca uma vez

no rádio e não é repetida. Se ela insistir em tocar e a gente não quiser ouvir, só cabe a nós mudar a frequência ou desligar o aparelho.

Às vezes eu ainda escuto na minha mente aquela senhora que saiu daquela caixa de som na minha cozinha dizendo que quando um casal não se beija o amor acabou. E realmente tinha acabado. O que eu sentia era medo.

Hoje, a liberdade que me consome é capaz de abaixar o volume dos sentimentos que muitas vezes ainda me assombram.

- *É por isso que você chora?*

Ao ouvir a voz da repórter eu quase me assusto. Falei durante tanto tempo que quase me esqueci que tudo o que eu dizia não era apenas para desabafar, mas para contar minha história. Por isso, peço que repita a pergunta feita a mim e ela continua.

Neila só chora quando perde suas forças. Cristina chora pela superação da própria vida que um dia foi desacreditada. Luciana chora pelo amor e a saudade que tenta esconder. E você? Por que você chora, Izabel?

Respiro.

Enxugo as lágrimas que não param de desaguar dos meus olhos e limpo a garganta presa por um nó.

Eu...

Eu choro porque as lágrimas não fazem barulho.

Elas são silenciosas e ao mesmo tempo podem gritar.

O choro se escuta, mas o derramar das lágrimas não. Eu nunca as ouvi no rádio. Elas saem dos meus olhos porque eu sinto em grande proporção.

Se as minhas lágrimas pudessem ser ouvidas, elas diriam que nenhum ser humano merece sofrer tanto.

